

Epílogo

Justificação

No longo caso do encobrimento do Terceiro Segredo, aconteceram tantas coisas decisivas em Maio, mês litúrgico de Maria na vida da Igreja: o atentado contra João Paulo II, que ocorreu no aniversário (13 de Maio) da primeira aparição de Nossa Senhora em Fátima, as peregrinações deste mesmo Papa a Fátima em Maio de 1982, 1991 e 2000, o anúncio, feito em Fátima em 2000, de que o Terceiro Segredo iria ser revelado, a publicação de *A Última Vidente*, o desastroso livro-entrevista do Cardeal Bertone com Giuseppe De Carli em 10 de Maio de 2007 (de que falamos no Capítulo 7) – que falhou completamente na contestação às objecções profundas suscitadas pelo relato “oficial” e levantadas por Antonio Socci – e o aparecimento ainda mais desastroso de Bertone no programa *Porta a Porta* (de que falamos no Capítulo 8) no último dia do mesmo mês.

Desde o lançamento da primeira edição deste livro, há três anos, houve dois outros acontecimentos decisivos em Maio, relativos ao caso do Terceiro Segredo. O primeiro foi uma conferência em Roma, organizada pelo apostolado de Fátima do Padre Gruner, que teve resultados surpreendentes no encontro entre os “Fatimistas” e os defensores da já desacreditada “versão oficial” do Segredo do Cardeal Bertone. O segundo, que teve lugar dias depois da conferência, foi o repúdio da “versão oficial” pelo próprio Papa Bento XVI em declarações públicas que representaram uma justificação total da posição “fatimista”, reabriram todo o “dossier” do Segredo e apontaram claramente para a existência de um texto suprimido, como Socci veio a declarar pública e veementemente.

I. A Conferência ‘O Desafio de Fátima’

De 3 a 7 de Maio de 2010, o famoso Ergife Hotel, em Roma, foi o local de uma conferência intitulada “O Desafio de Fátima,” patrocinada pelo Fatima Center do Padre Gruner. O acontecimento viria a ser talvez o mais produtivo da história do apostolado –

aquilo a que os americanos chamam “alteração do jogo,” embora o assunto em questão estivesse longe de ser um jogo. Uma razão principal para este resultado foi a comparência do próprio Giuseppe De Carli, como orador, no segundo dia da conferência. O que ele disse, no decurso dos seus comentários, sublinhou de forma dramática as razões para o cepticismo generalizado sobre a versão dos acontecimentos dada por Bertone. De facto, imediatamente a seguir à conferência, os principais meios de comunicação italianos, seguindo o exemplo do próprio Papa em mais um acontecimento de Maio, viriam a declarar que o caso do Terceiro Segredo tinha sido “reaberto.”

Uma comparência notável a uma Conferência notável

De Carli merece o devido crédito porque, ao comparecer na conferência, fez o que ninguém do partido do Vaticano foi capaz de fazer durante todos estes anos de controvérsia do Terceiro Segredo: discutir cara a cara com os “Fatimistas” e responder a alguma das suas objecções à versão “oficial” dos acontecimentos. De Carli tinha concordado estar presente para, como ficou assente, apresentar uma segunda edição de *A Última Vidente de Fátima* [*L’Ultima Veggente di Fatima*], com o novo título de *O Último Segredo de Fátima* [*L’Ultimo Segreto di Fatima*], do qual tinha na mão um exemplar (o livro tinha acabado de sair da tipografia naquela manhã). Mas a sua comparência acabaria por ser muito mais do que uma simples apresentação do livro. Depois de se apresentar e de mostrar as suas credenciais como Vaticanista, De Carli disse aos presentes no Ergife (e a muitos mais em todo o mundo, que o seguiam em transmissão directa pela Internet) que *Último Segredo* “é muito mais pormenorizado do que o anterior [*Última Vidente*], com uma espécie de mania pelos pormenores de datas, assuntos e nuances...” Embora uma recensão do *Último Segredo* não revele pormenores ou “nuances” novos, revela que a barragem contínua de objecções fundamentadas à versão que Bertone deu dos acontecimentos levou a mais uma tentativa de revisão — e a ainda mais passos em falso, como iremos ver.

Durante os seus comentários a abrir a conferência, De Carli afirmou que *Último Segredo* “tem uma novidade: uma entrevista com Monsenhor Loris Capovilla, Secretário do Papa João XXIII, que estava lá, em 17 de Agosto de 1959, com o Papa João XXIII, quando um Papa, pela primeira vez, abriu o envelope e leu o texto do Terceiro Segredo de Fátima.” Mas a entrevista é a mesma que

foi transcrita para o “*Show do Cardeal Bertone*” em Setembro de 2007, e que examinamos no Capítulo 10, cujas omissões visíveis e concessões decisivas só tinham minado ainda mais o relato de Bertone, especialmente a confissão de Capovilla em como havia realmente um “envelope Capovilla” nos aposentos papais, contendo um texto do Segredo que Paulo VI leu em 1963 — dois anos antes da data apresentada no relato “oficial”. De Carli também exibiu aos presentes o mesmo segmento de vídeo da entrevista de Capovilla, que foi apresentado durante o “*Show do Cardeal Bertone*.”

De Carli afirmou ainda que *Último Segredo* constituía “o ponto de vista oficial da Igreja sobre este assunto” — o que manifestamente não é, como De Carli acabaria por admitir perante a audiência. Mas acrescentou que ele e Bertone tinham “juntado muitos dos comentários que recebemos depois da publicação do primeiro livro, que incluímos no novo,” e que o novo livro continha “todas as dúvidas que pus nele: porque não fiz esta entrevista ajoelhado perante o Cardeal. Tentei mesmo sugerir tudo o que me veio à cabeça, até coisas que vinham no *The Fatima Crusader* [a revista de The Fatima Center], que está citada no livro; tentei expor todos os assuntos uma e outra vez durante estes encontros que tive com o Cardeal Bertone.” Mas em vez de um re-exame exploratório das muitas questões escaldantes a que Bertone não tinha respondido ou se negara a responder ao longo dos anos, e na *Última Vidente* em particular, veremos que *Último Segredo* só apresenta “um remendo ainda pior para o buraco,” para usar uma das frases memoráveis de Soggi sobre o relato “oficial”.

De Carli protestou para a audiência que “Não sou um mariologista, não sou apreciador da Mariologia... Portanto, aqui têm um jornalista que não é perito em Maria: fui lançado para o meio da discussão simplesmente porque, como faço transmissões directas do Vaticano, tinha de tratar destes argumentos.” O facto de De Carli ter sido obrigado a defender uma causa que nem entendia bem começou a notar-se antes de a sua intervenção na conferência ter terminado, e com não pouca simpatia por parte dos presentes para com este homem, cuja lealdade a certas personagens do Vaticano tinha evidentemente sido abusada em prol da defesa duma posição indefensável.

De Carli relatou que a única razão para ter escrito a *Última Vidente* com Bertone foi que o Cardeal tinha-se “encontrado com a Irmã Lúcia oficialmente três vezes, mas outras vezes extra-

oficialmente, e também com toda a comunidade das Carmelitas de Coimbra,” e que “[d]urante estas ocasiões formais as suas conversas duraram *perto de 15-16 horas ao todo, mas nós temos só 30 linhas de tudo*, publicadas numa comunicação à imprensa [o ‘comunicado’ sobre a alegada ‘entrevista’ de 17 de Novembro de 2001, a que nos referimos no Capítulo 5]. De que é que o Cardeal e a última vidente de Fátima falaram durante essas horas?”

Realmente! O *que é que* Bertone e Lúcia discutiram durante 15-16 horas — um aumento considerável a partir das 10 horas a que Bertone se referiu na *Última Vidente*?³²⁴ E porque é que Bertone revelou apenas algumas alegadas palavras de Lúcia — nove ao todo, como vimos no Capítulo 5 — sobre o Terceiro Segredo? “Estava curioso para saber a resposta,” disse De Carli. E todo o mundo católico também. Mas já vimos que a *Última Vidente* não dá a resposta. E *Último Segredo* também não; limita-se (como veremos adiante) a especular com as poucas palavras já atribuídas a Lúcia para refutar as objecções ao relato oficial. Na conferência, porém, De Carli revelou uma coisa sobre as lendárias “conversas [de Bertone] com a Irmã Lúcia” que nunca tínhamos ouvido antes. Segundo De Carli contou, ele perguntou a Bertone “se podíamos saber o que eles tinham dito um ao outro, e o Cardeal interrompeu-me, levantou-se e disse: ‘Eu sei, mas não lhe posso dizer porque os registei’ [os encontros].” Ao que De Carli respondeu: “Eminência, gravou realmente as entrevistas com a Irmã Lúcia?” — querendo referir-se a gravações em cassete. E a resposta do Cardeal foi, segundo De Carli: “Não, fiz mais do que gravar, tirei muitas notas. Fiz um diário desses encontros. Todas as respostas que a Irmã Lúcia me deu, eu escrevi-as.” Assim, querem que acreditemos que as “notas” de Bertone são *melhores* do que uma gravação! Mas onde é que está o diário contendo essas notas, cuja existência De Carli revelou na conferência? O alegado diário, tal como o texto do Terceiro Segredo que falta, está fechado à chave algures no Vaticano.

Depois de descrever as circunstâncias em que compilou a *Última Vidente* com Bertone, De Carli fez outra revelação: “Eu vi a Irmã Lúcia em Fátima, embora não falasse com ela, mas vi-a de muito perto, na última vez que se encontrou com o Papa em 2000, *quando ela lhe deu um envelope, uma carta, cujo conteúdo não conhecemos*. Perguntei ao Cardeal Bertone se ele sabia de que tratava essa carta, e ele respondeu: ‘Não, não sei, porque isso é

³²⁴ Ver *L’Ultima Veggente di Fatima*, p. 39 e a discussão no Capítulo 7.

correspondência particular do Santo Padre, o Papa João Paulo II. O proprietário dessa carta é o actual Arcebispo de Kraków, Stanisław Dziwisz.”

E assim, mais outra suposição “fatimista”, que foi tão ridicularizada, veio a ser confirmada: que Lúcia entregou uma carta ao Papa durante a sua visita a Fátima em Maio de 2000, documento este que está na posse do actual Arcebispo de Kraków. Recorde-se ainda o relato de *Inside the Vatican* em 26 de Outubro de 2001 (Ver Capítulo 5) em como João Paulo II recebeu mais outra carta da Irmã Lúcia algumas semanas depois do ataque terrorista de 11 de Setembro de 2001. Nessa carta, segundo a notícia de *Inside the Vatican*, que citava “fontes do Vaticano,” Lúcia avisava o Papa de que “os acontecimentos de que fala o Terceiro Segredo de Fátima *ainda não ocorreram*.”³²⁵ Assim sendo, há pelo menos duas cartas de Lúcia enviadas em sigilo, dirigidas ao falecido Papa, ambas referindo-se, evidentemente, a perigos iminentes para a Igreja e para o mundo, tal como estão preditos no Terceiro Segredo. Mas estas cartas não foram reveladas ao mundo. Tal como o alegado diário de Bertone sobre as quinze horas de conversa com a Irmã Lúcia, são parte do testemunho oculto da última vidente de Fátima.

Os restantes comentários de De Carli incluíram um comentário enigmático sobre “o maelstrom do mistério do Papa Wojtyla,” e confissões surpreendentes sobre o estado actual da Igreja: “a Igreja está sitiada, a Fé está gasta, mas encontra uma fortaleza invencível nos santuários marianos... [n]esta crise geral da nossa identidade religiosa... os santuários marianos tornam-se em invencíveis fortalezas da Fé.” Neste “inverno da Fé,” acrescentou de forma bastante dramática, “As igrejas esvaziam-se e os santuários enchem-se.” Seria isto uma referência velada a alguma coisa para além da visão do Bispo vestido de branco, que talvez até De Carli tenha começado a suspeitar que não é tudo o que há no Terceiro Segredo?

Para completar os seus comentários, De Carli apresentou um vídeo que fizera durante uma visita recente ao Convento de Coimbra – visita essa para a qual ainda precisou de uma “autorização da Santa Sé,” uns cinco anos depois do falecimento de Lúcia e muito depois dos escritos da vidente terem sido levados da sua cela, que tinha sido selada imediatamente depois do seu falecimento. Essa cela “continha sabe-se lá quantos segredos desta freira,” De Carli comentou, mas nenhum desses segredos lhe foi comunicado

³²⁵ Ver Capítulo 5, pp. 71-72.

durante a sua visita. E, assim como Bertone fizera durante as suas visitas ao convento, De Carli evitou qualquer pergunta referente aos temas mais importantes, para os quais ainda não tinham sido dadas respostas: O que disse Nossa Senhora a seguir ao famoso “etc”? Nossa Senhora chegou a explicar aos videntes o significado da visão do Bispo vestido de branco? Se chegou, qual é a explicação, e há algum texto onde ela apareça?

O vídeo de De Carli era pouco mais do que uma produção para turistas; mostrava uma vista do interior do convento: uma sala, o coro, a cela da Irmã Lúcia e o que continha, o banco de cimento em que ela gostava de se sentar, um laguito com peixes que ela alimentava, uma imagem do Imaculado Coração de Maria, e o carreiro no jardim onde costumava andar enquanto rezava o Rosário. “A cela não está selada, como se pensava,” diz De Carli na banda sonora do vídeo. Mas porque razão havia ainda de estar selada, anos depois da morte da vidente e de terem levado os seus pertences? De Carli não teria reparado que a sua observação não tinha sentido? Quanto ao Terceiro Segredo, fez uma só pergunta vaga a uma das Irmãs, e recebeu uma resposta igualmente vaga:

De Carli: Quando eles [os visitantes do convento] perguntaram à Irmã Lúcia se havia outro Terceiro Segredo, quando disseram que o que ela tinha dito não era tudo, como é que Lúcia respondeu?

Irmã Maria do Carmo: Nunca estão satisfeitos. Fazer o que se disse [seja o que for que isto queira dizer], isto é a coisa mais importante. Quando eles [os visitantes] lhe disseram: “Irmã Lúcia, há quem diga que há outro Segredo,” ela disse: “Se há, eles que me digam qual é, porque eu não conheço outro.”

Claro que o problema nunca foi se haveria “outro Terceiro Segredo,” mas antes se o único Terceiro Segredo fora inteiramente revelado, ou se há também um texto com as palavras explicativas de Nossa Senhora (indicadas por aquele “etc”), que, evidentemente, estaria no envelope Capovilla, cuja existência Bertone agora já admite, mas que se recusa a apresentar. De Carli sabia certamente qual era o verdadeiro problema, sabia-o tão bem como Bertone. Mas, tal como Bertone fez durante a controvérsia do Terceiro Segredo, De Carli evitou o verdadeiro problema como se fosse a peste durante a sua breve visita a Coimbra, continuando assim a tática de fazer perguntas que parecem calculadas para falhar o alvo, dando ao mesmo tempo a ideia de que as dúvidas tinham sido

esclarecidas. Foi este o mesmo método empregado na entrevista, muito editada, de Capovilla, que foi apresentada durante o “*Show do Cardeal Bertone*” em 2007, e examinámos em pormenor no Capítulo 10.

Voltando ao salão de conferências do Ergife, ao vídeo inconsequente da visita turística de De Carli a Coimbra — um caso clássico de pôr trancas na porta muito depois de a casa ter sido roubada — seguiu-se o vídeo da entrevista de Capovilla durante o “*Show do Cardeal Bertone*,” três anos antes, que não só não tinha conseguido provar the relato “oficial”, como tinha ajudado a demoli-lo. Depois de ter acabado o vídeo, De Carli comentou que “o Arcebispo Capovilla é uma testemunha ímpar do momento preciso em que o Papa abriu o envelope, que, a propósito, eu vi com os meus próprios olhos: pedi à Congregação para a Doutrina da Fé que mo trouxesse...”

Mas o envelope que De Carli recebeu da Congregação *não* era manifestamente o envelope Capovilla. Era antes, claramente, o estranho conjunto de quatro envelopes, metidos uns nos outros, que Bertone tinha mostrado no *Porta a Porta*: “Era um envelope grande,” continuou De Carli, “e depois dentro estava um envelope mais pequeno, e dentro dele outro envelope mais pequeno, e finalmente o envelope da Irmã Lúcia, e depois a folha de papel que tem quatro lados.” De Carli acrescentou: “Isto é o que está na fotografia aqui [referindo-se ao *Último Segredo*, um exemplar do qual estava a segurar na mão], porque *não confiei no fotógrafo oficial da Santa Sé*. Portanto, *tirei as minhas próprias fotografias*, e pedi também para fotografar o texto da Irmã Lúcia — que eu tinha na mão.” A falta de confiança de De Carli nos fotógrafos “oficiais” é compreensível, se considerarmos o número de buracos enormes em todo o relato “oficial”. Mas uma passagem subsequente pelo *Último Segredo* só revelou as mesmas fotografias incluídas na *Última Vidente*, e não as fotografias que De Carli disse que tinha tirado. E com esta discrepância inexplicável, De Carli concluiu a sua apresentação.

E então veio o inesperado...

E então aconteceu uma coisa totalmente inesperada. De Carli ficou no pódio para responder a perguntas da audiência, apesar de ter anteriormente feito saber, fora do salão de conferências, que não teria tempo para uma sessão de perguntas e respostas depois da sua apresentação. Durante mais de uma hora, De

Carli aparou perguntas (em italiano) do presente autor, do Padre Gruner e do advogado e apologista católico John Salza, todos eles oradores na conferência. Os resultados desta sessão (assim como de toda a conferência) foram muito proveitosos, como os meios de comunicação italianos reconheceriam imediatamente.

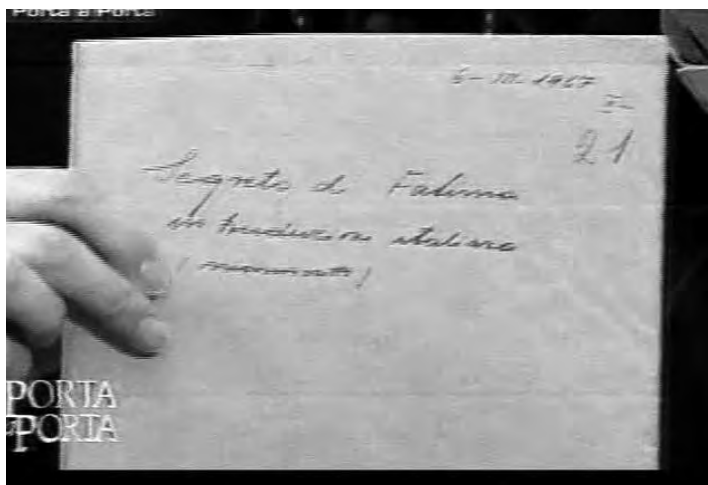
Os três interrogadores de De Carli sabiam que este encontro frente-a-frente com o colaborador íntimo de Bertone na promoção do relato “oficial” era uma oportunidade que talvez nunca mais se apresentasse. Como a oportunidade era limitada, as perguntas concentraram-se primariamente em factos que eram inegáveis e que De Carli não poderia deixar de admitir. Para começar, havia a existência do envelope Capovilla, ainda por ser mostrado, e do texto que continha, guardado nos aposentos papais e não no arquivo do Santo Ofício, onde se conservava o texto da visão. O facto de Bertone não ter querido mostrar esse envelope e o seu conteúdo era prova incontrovertida de um encobrimento.

O Envelope Capovilla

Assum sendo, o autor do presente livro pediu repetidas vezes a De Carli (em italiano) que explicasse porque é que o envelope Capovilla nunca tinha sido mostrado. Em resposta, De Carli sugeriu repetidas vezes, contrariando toda a evidência, que o envelope Capovilla e o “envelope Bertone” mostrado no *Porta a Porta* – ou seja, o envelope exterior do Bispo de Fátima – eram a mesma coisa. A primeira pergunta e a respectiva resposta foram as seguintes:

Ferrara: Bom dia, Sr. De Carli. Estou limitado pela minha pouca fluência em italiano, mas parece-me que há alguns problemas óbvios na sua apresentação. Um problema é este: é um facto estabelecido que há um chamado “envelope Capovilla” em que, no exterior do qual, estava escrito o nome do Arcebispo Capovilla, dos chefes de departamentos do Vaticano, e a decisão de João XXIII – de não *tomar* uma decisão. E este importante envelope estava nos aposentos papais. Portanto, uma simples pergunta: Onde está este envelope?

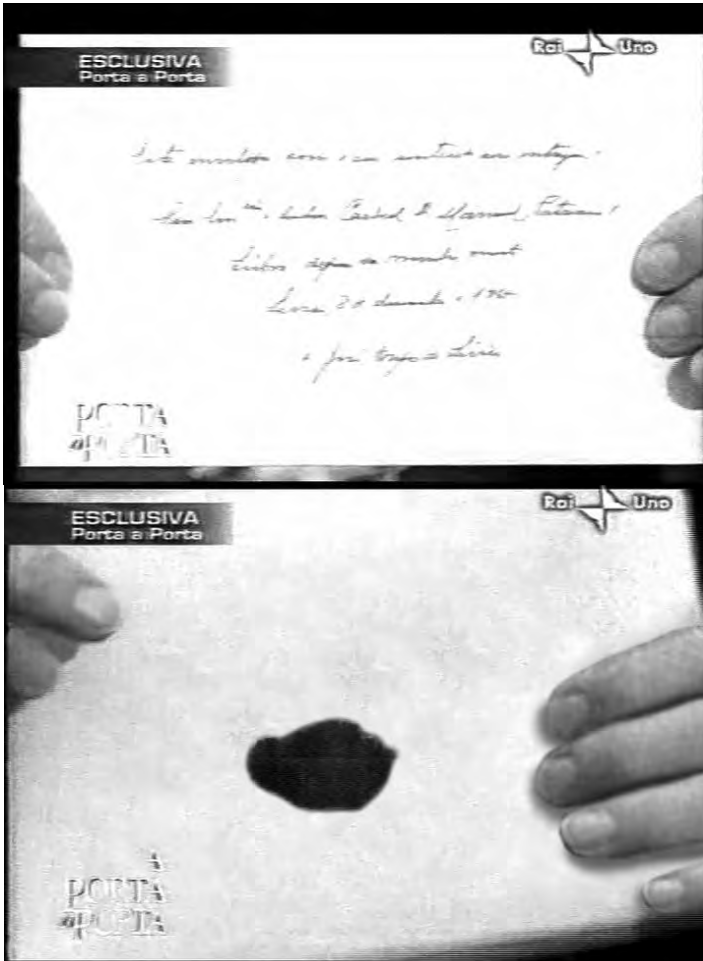
De Carli: O envelope Bertone é o envelope Capovilla; *não há diferença*. O de Capovilla é o que veio parar aos aposentos papais. Se ler a entrevista [de Capovilla] em pormenor [isto é, a transcrição apresentada durante o “*Show do Cardeal Bertone*” em 2007]... explica como é que o envelope foi parar



O Cardeal Bertone mostrou uma série de cinco envelopes no programa de TV *Porta a Porta*, em 31 de Maio de 2007. Em cima vê-se o primeiro que mostrou. É o envelope exterior, dentro do qual os outros 4 envelopes tinham sido colocados. Este envelope tem a data de 6 de Março de 1967 no canto superior direito, e tem a inscrição “Segredo de Fátima em tradução italiana (manuscrito).” Este é o único envelope de que o Cardeal Bertone não mostrou a parte de trás. Mas não seria o envelope Capovilla que o Dr. Ferrara mencionou a De Carli, porque é datado de quatro anos depois de Paulo VI se ter referido a ele a Monsenhor Capovilla.

às mãos de Paulo VI, que estava muito interessado — mas dias depois da sua eleição, e não meses depois — ele quis ler o texto imediatamente. *E então o envelope ficou lá.* Isto foi contado por Monsenhor Capovilla, que é uma testemunha digna de crédito, a única testemunha viva. Se quiser, pode dar crédito ao que foi publicado por outras pessoas, que já não estão entre nós. Eu dou antes crédito a uma pessoa viva que, antes de mim, registou o seu testemunho.

A resposta de De Carli era liminarmente contradita pela evidência que ele mesmo tinha apresentado durante o “*Show do Cardeal Bertone*”: o envelope nos aposentos papais não era, nem podia ser, o envelope apresentado no *Porta a Porta*, porque o envelope Capovilla tem a lista, manuscrita pelo Arcebispo, dos nomes de quem leu o conteúdo, e o texto ditado por João XXIII sobre a sua decisão de não se pronunciar sobre o texto. Além disso, todos os envelopes que Bertone *apresentou* — incluindo o envelope exterior do Bispo de Fátima, dentro do qual estavam os três envelopes preparados por Lúcia — *não vieram todos dos aposentos papais*; alguns vieram do arquivo do Santo Ofício, hoje chamado

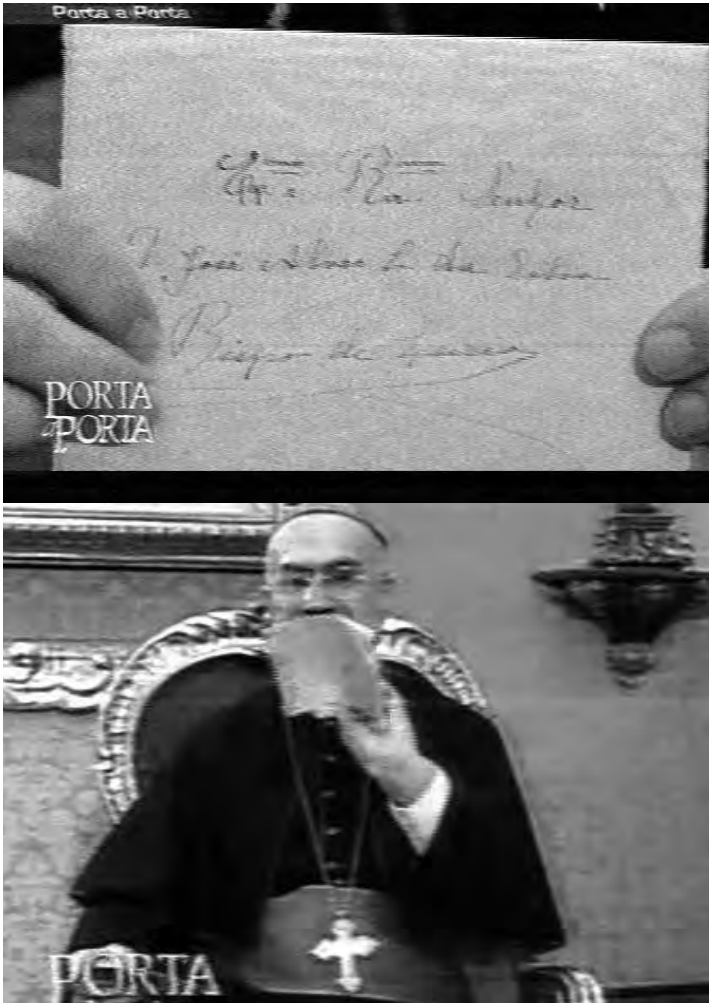


Este é o segundo envelope, visto pela frente e por trás, que o Cardeal Bertone mostrou na TV. O que está escrito na parte da frente é da autoria de D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, que recebeu da Irmã Lúcia o Segredo. Fechou a abertura de trás com um pingo de lacre. Este envelope não tem nada escrito pelo Monsenhor Capovilla, e portanto não é o envelope Capovilla.

Congregação para a Doutrina da Fé. Daqui derivou a pergunta seguinte:

Ferrara: Compreendo, mas *peessoas ainda vivas* disseram que há um envelope [o envelope Capovilla] ali [nos aposentos papais]—

De Carli [interrompendo]: Não vejo as coisas assim —



Esta é a parte da frente, e a de trás, do terceiro envelope que o Cardeal Bertone mostrou ao mundo na TV italiana em 31 de Maio de 2007. Este envelope não estava lacrado. O texto manuscrito na parte da frente é da autoria da Irmã Lúcia, a indicar que o envelope é endereçado ao Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Senhor D. José Alves C. da Silva, Bispo de Leiria. Como se pode ver, não tem nada escrito por Monsenhor Capovilla. Não é o Envelope Capovilla.

Ferrara: — Mas nós nunca vimos o envelope.

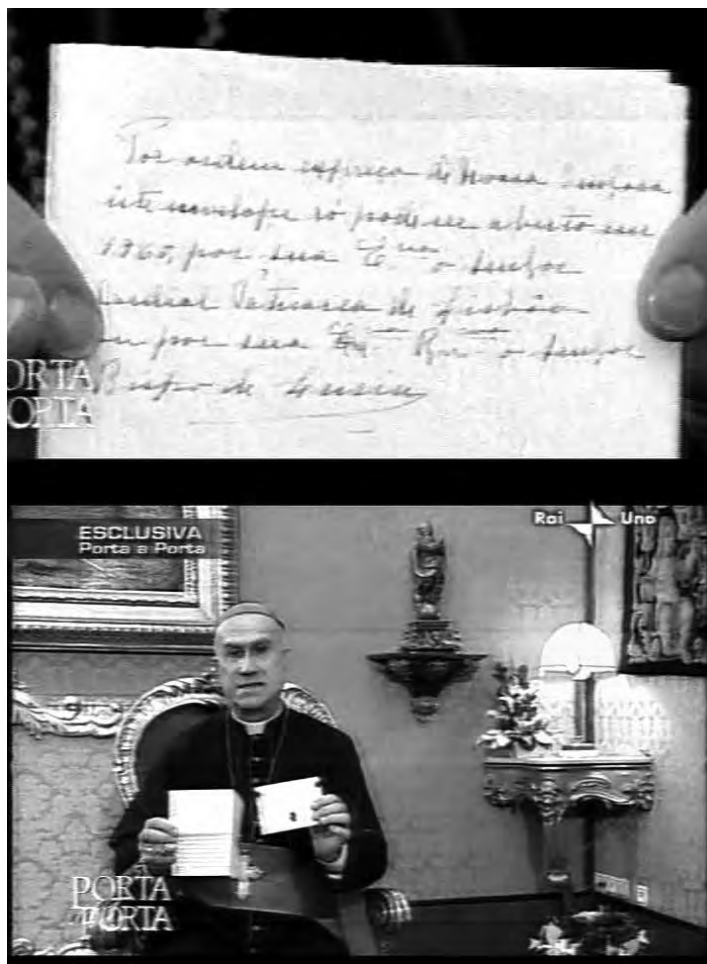
De Carli: *Eu vi o envelope, e disse que o que está reproduzido aqui [no Último Segredo, anteriormente Última Vidente] é exactamente o que eu mandei que o meu fotógrafo tirasse, e não o da Santa Sé, porque não confiava completamente neles. Perguntei a Bertone: “Já que aqui estamos, deixa-me dar uma olhadela ao envelope Capovilla?”... É o mesmo envelope. O*



Esta é a parte da frente, e a de trás, do quarto envelope que o Cardeal Bertone mostrou ao mundo na TV em 31 de Maio de 2007. Não tem nada escrito na parte de trás, e foi lacrado com três pingos de lacre. Na parte da frente está o aviso manuscrito da Irmã Lúcia, referente à ordem explícita de Nossa Senhora para a sua abertura em 1960. Não tem nada escrito nele pelo Arcebispo Capovilla. É evidente que até aqui não foi mostrado o Envelope Capovilla.

envelope Bertone corresponde ao envelope Capovilla.

Mais uma vez, De Carli referiu-se à sua *falta de confiança* nos fotógrafos do Vaticano e à fotografia que ele mandou tirar do envelope Capovilla, e disse que a sua foto, de maior confiança, estava reproduzida no *Último Segredo*, quando, na realidade,



Este é o quinto e último envelope mostrado perante as câmaras de TV pelo Cardeal Bertone em 31 de Maio de 2007. A parte da frente tem as mesmas palavras, escritas pela Irmã Lúcia, que aparecem no Envelope N° 4 (cf. página 230), mas pode-se ver que é diferente do N° 4 pelas palavras *Nossa Senhora*. Neste envelope aqui, ambas as palavras estão na primeira linha manuscrita. No Envelope N° 4, a palavra "*Nossa*" é a última palavra da primeira linha. Na foto de baixo, pode-se ver a parte de trás do Envelope N° 5, e como nada está escrito nela. Os 3 lacres estão em lugares ligeiramente diferentes, comparados com o Envelope N° 4. É óbvio que este também não é o Envelope Capovilla.

não aparece lá essa fotografia — um facto que só descobrimos depois de De Carli se ter ido embora, porque ele só nos deu um exemplar do livro para o revermos na altura em que estava para ir-se embora. Isto levou-nos a fazer uma terceira tentativa para



Foto tirada a pouca distância da única folha de papel — o único *foglio* — em que estavam 62 linhas escritas pela Irmã Lúcia, a descrever como o “Bispo vestido de Branco” foi atingido e morto por um grupo de soldados. É esta folha que o Cardeal Bertone está a segurar na sua mão direita, na fotografia de baixo, na página 231. Bertone tirou este *foglio* do último envelope, mas em tudo isto nunca nos mostrou o Envelope Capovilla, ao contrário do que De Carli disse (ver as páginas 226 a 237).

conseguirmos que admitisse que o envelope Capovilla, com as anotações escritas pelo Arcebispo, não era o que foi mostrado no *Porta a Porta*, nem noutra ocasião qualquer, pelo Cardeal Bertone:

Ferrara: Com o devido respeito, não é possível que esses dois envelopes sejam o mesmo, porque *o lado de fora do envelope Capovilla tem coisas escritas pelo Arcebispo Capovilla, mas este envelope nunca foi mostrado. O mundo não o viu!*

De Carli: Eu vi-o. *Não tirei uma fotografia do envelope, mas estava nele o que o Papa João XXIII disse a Monsenhor Capovilla, depois de consultar os outros Cardeais — há a lista desses Cardeais — [e] “Decidi não publicar o Segredo” [ditado por João XXIII].*

Parecia que De Carli estaria a admitir que não tinha fotografado o envelope Capovilla, como antes sugerira, mas que só o tinha visto. Mas mesmo o que ele disse ter visto não podia ter sido o envelope Capovilla, como é demonstrado pela troca de impressões seguinte:

Ferrara: Mas o envelope continua oculto do mundo. O mundo nunca viu este envelope. *Onde está ele?*

De Carli: Eu vi-o. Está na Congregação para a Doutrina da Fé. *É um envelope grande, amarelado.* [O envelope exterior, envelhecido, do Bispo de Fátima.] *Dentro dele há outro envelope.* [o envelope exterior, não lacrado, de Lúcia.] *Dentro dele há outro.* [o primeiro envelope lacrado de Lúcia com a ordem de “1960”.] *E finalmente há o envelope da Irmã Lúcia.* [o segundo envelope lacrado de “1960”.] É uma folha de 4 lados, 63-64 linhas escritas à mão — o texto que está a ver é o que foi fotografado neste livro.

Ferrara: Porque é que o Cardeal nunca mostrou este envelope ao mundo?

De Carli: Porque quando um Secretário de Estado, o Cardeal Bertone, diz que *o envelope* [mostrado no *Porta a Porta*] *corresponde* ao que foi lido por João XXIII, ou João XXIII, o Papa Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI são mentirosos, ou nós precisamos de acreditar. O facto de que Bento XVI fez uma introdução oficial a isto [*Último Segredo*], que é considerada a posição oficial da Igreja, quer dizer que o Papa acredita que esta é a verdade. Doutra maneira, até o Papa actual seria um perjuro e um mentiroso.

Aqui De Carli descreveu, não o envelope Capovilla, mas, uma vez mais, o mesmo conjunto de envelopes mostrados no *Porta a Porta*, nenhum dos quais tinha a letra do Arcebispo Capovilla, o que significa, portanto, que nenhum deles podia ser o envelope Capovilla. E, mais uma vez, afirmou que a *Última Vidente* era a “posição oficial da Igreja,” simplesmente por incluir uma carta introdutória do Papa — o mesmo Papa que também tinha enviado a Socci uma carta, a agradecer-lhe por ter escrito *o seu* livro, acusando Bertone de um encobrimento! (*Ver* Capítulo 7.) Quanto à sugestão de De Carli de que os “Fatimistas” estariam a acusar o Papa de ser “um perjuro e um mentiroso,” porque rejeitavam a “interpretação” do Terceiro Segredo no *Último Segredo*, poucos dias depois da intervenção de De Carli, como veremos, *o próprio Papa rejeitou essa interpretação* em declarações feitas perante todo o mundo. Ironia das ironias, De Carli e Bertone passavam a encontrar-se *em oposição ao Papa*, apesar da introdução “oficial” deste ao livro deles, que, para começar, nunca tinha sido a “posição oficial” da Igreja.

As perguntas sobre este ponto crucial focaram-se também na insistência de De Carli (na resposta atrás indicada) em como o envelope mostrado no *Porta a Porta* “corresponde” ao envelope

Capovilla — a mesma escolha curiosa de palavras empregada durante o “*Show do Cardeal Bertone.*”

Ferrara: Mas, por favor: *corresponder não é ser igual.* Há dois envelopes [os envelopes Bertone e Capovilla]. Vimos um deles — *um* envelope — mas nunca vimos o *outro* envelope.

De Carli: Porque não existe. *O envelope Capovilla é o mesmo que o envelope Bertone!* Ouviu Capovilla, quando eles falaram de um Quarto Segredo: “O que eu li corresponde ao que foi revelado em Junho de 2000.” Não sei que mais hão-de querer saber.

A insistência continuada de De Carli em como o envelope mostrado no *Porta a Porta* era o mesmo que o envelope que *não* foi mostrado no *Porta a Porta* — ou seja, o envelope Capovilla — levou a mais uma tentativa de fazer uma brecha no muro de pedra da negação:

Ferrara: O envelope Bertone, vimo-lo na televisão, mas *nunca vimos o envelope Capovilla, porque não é o mesmo envelope.* É evidente.

De Carli: É uma teoria, a sua teoria, mas só se baseia em hipóteses. Eu fui em busca de factos. Os factos são a declaração de Capovilla (a única testemunha), que diz que o Segredo lido pelo Papa João XXIII é o mesmo Segredo, o mesmo texto lido em 26 de Junho de 2000. Desculpe, mas não se pode fazer mais do que isto. Compreendo que isto faz desabar todo um sistema acusatório, *se a minha tese estiver certa.* A minha *tese* diz que as testemunhas presentes — e um historiador não pode andar a inventar coisas por sua conta — afirmam o que se segue. Capovilla afirma o que se segue. Bertone afirma o que se segue. O Papa afirma o que se segue, dando crédito à tese de Bertone. Até pode ter razão em teoria, mas não na linha da prática, do estudo, da investigação, do exame histórico.

Repare-se na descrição reveladora que De Carli faz da sua explicação como sendo uma simples “tese.” A “tese” que Capovilla tinha afirmado que o texto que leu foi também lido por João XXIII era uma evasiva que não respondeu à verdadeira questão, que Capovilla nunca fez *porque nunca lhe fizeram essa pergunta:* isto é, a existência de *outro* texto contido no envelope com a letra de Capovilla, cujo conteúdo Paulo VI leu em 1963, depois de o ter tirado da escrivãzinha do Papa João XXIII, dois anos antes da data apresentada no relato “oficial”. A próxima pergunta recordou a

De Carli o que estava escrito no envelope Capovilla e pressionou-o para admitir o facto evidente que este envelope não era o que foi mostrado no *Porta a Porta*:

Ferrara: O documento do Arcebispo Capovilla³²⁶ dizia claramente que há um envelope, no lado de fora do qual estava a minha escrita [de Capovilla]. No *Porta a Porta*, o *Cardeal Bertone não mostrou este envelope. É um facto. Portanto, há dois envelopes. Com o devido respeito, não respondeu à minha pergunta.*

Aqui, De Carli começou finalmente a recuar perante provas inegáveis. Sob a pressão do momento, propôs que a histórica nota manuscrita do Arcebispo Capovilla estaria na *parte de trás* do envelope exterior que Bertone tinha mostrado no *Porta a Porta*, e que Bertone simplesmente se tinha esquecido de virar o envelope perante a câmara para que os telespectadores pudessem ver o lado de trás:

De Carli: *Sim, estas são precisões úteis. Mas não se segurem a estas coisas, que são importantes mas não são críticas. Eu fui pessoalmente ver o que estava escrito naquele envelope. Quando o Cardeal Bertone o mostrou no Porta a Porta, não foi porque não queria que o víssemos. Ele pegou com as suas mãos no envelope, que estava simplesmente virado para o outro lado. E se voltarem a ouvir a gravação, o Cardeal Bertone em certa altura leu as frases que o Papa João XXIII ditou a Monsenhor Capovilla para que as escrevesse no envelope, mas não o virou para as câmaras para nós o vermos. Mas isto são coisas sem grande importância. O envelope é o mesmo, é o mesmo. E depois, **podiam ter-me enganado**, mostrando-me outra coisa diferente. Mas a minha impressão clara era que o envelope é o mesmo: o envelope Capovilla é igual ao envelope Bertone.*

Tendo retirado para a posição em que era a sua “*impressão clara*” que os dois envelopes eram um só, admitindo ao mesmo tempo que “*podiam ter-me enganado,*” De Carli fez um deslize devastador, que se pode atribuir (digamo-lo, em caridade) à pressão do momento, e não a uma intenção pré-concebida de enganar. Porque, de facto, no vídeo do *Porta a Porta*, é claro que Bertone *tinha virado* o envelope que estava a mostrar “*para as câmaras,*” para revelar que *não havia lacre no outro lado; e, ao fazê-lo,*

³²⁶ A sua “nota confidencial” de 1967. Ver Capítulos 6 e 10, e a reprodução do texto dactilografado original (em português e italiano) no [Apêndice I](#), pp. 275-279.

mostrou também que não havia nada escrito. [De facto, Bertone mostrou os quatro envelopes, pela frente e por trás. Nenhum dos quatro envelopes tinha algo escrito na parte de trás.] O Padre Gruner notou rapidamente que De Carli se tinha enganado na referência às fotografias neste mesmo livro (ver as fotos nas páginas 227-232):

Padre Gruner: ... [H]avia este documento assinado por Capovilla, que dizia que o Papa Paulo VI lhe tinha perguntado porque é que o nome dele estava no envelope. E Capovilla respondeu: “Porque João XXIII quis pôr o meu nome também, assim como os nomes dos outros que viram o Segredo, e também o facto de que o Papa não se pronunciara sobre ele.” Quando apareceu na televisão, o Cardeal Bertone mostrou tanto a parte da frente como a de trás de [um] envelope, perante as câmaras. Pode ver a foto neste livro [*O Segredo por revelar*] de todas as partes [desse] envelope, mas não tem nenhum nome ou escrita do Arcebispo Capovilla!

Além disso, uma revisão da gravação em vídeo da transmissão do *Porta a Porta* revela que nunca, durante a transmissão (ou em qualquer outra altura), Bertone “leu as frases que o Papa João XXIII ditou a Monsenhor Capovilla para escrever no envelope.” Capovilla nem sequer foi *mencionado* durante a transmissão no *Porta a Porta*, em 31 de Maio de 2007! Bertone não leu essas frases de Capovilla porque estas não estavam escritas em nenhum dos envelopes que mostrou perante as câmaras. Isto era simplesmente uma invenção — mais uma vez, sob a pressão do momento, porque De Carli não poderia ter *planeado* argumentar que uma gravação em vídeo confirmaria uma coisa que não consta da gravação, porque nunca aconteceu.

O que De Carli desvalorizou como “pequenas coisas” destruíram completamente, de facto, a versão “oficial” — mais uma vez. Como De Carli estava agora a negar claramente provas incontroversas, e afirmando a existência de provas que era evidente que não existiam, o presente autor insistiu numa confissão final e decisiva. A pergunta levou a mais um bloqueio, mas também a mais passos em falso:

Ferrara: Portanto, é óbvio, há outro envelope! Estamos de acordo?

De Carli: Digo que não, não estamos de acordo, de modo nenhum. Mantenho-me na minha *tese* [!], que é a de Bertone, que é a de Ratzinger, em como *não há outro envelope*, que

o envelope [de Capovilla] não foi trocado [por outro envelope] porque talvez houvesse outro documento que devia ficar oculto. *Vi o envelope em que estavam escritas as frases que João XXIII ditara a Monsenhor Capovilla. Se quiser ler toda a entrevista com Monsenhor Capovilla, compreenderá também o que aconteceu com Paulo VI e porque é que Paulo VI guardava este documento importante nos seus aposentos. E depois porque é que o leu passados três dias [a seguir à sua eleição]. Agora não me lembro, tenho que verificar as fotos que está a mencionar [do *Porta a Porta*], mas o envelope que vi e que fotografei tem no frontispício – o segundo envelope – as frases que João XXIII ditou a Monsenhor Capovilla: “Não vou decidir. Deixo ao meu sucessor liberdade de escolha sobre a publicação do Segredo.”*

Note-se que De Carli já deixara de descrever a sua posição como uma “tese,” ao mesmo tempo que continuava a insistir que o envelope Capovilla nos aposentos papais era a mesma coisa que o envelope Bertone no arquivo do Santo Ofício. E acrescentou que não só tinha visto como também tinha fotografado o envelope Capovilla, embora não apareça nenhuma fotografia dele no *Último Segredo*, e esta afirmação contradizia o que tinha dito momentos antes (atrás citado), que “*não tirei uma fotografia desse envelope.*”

Note-se também que De Carli parece ter confundido o envelope Capovilla com “o segundo envelope” que Bertone mostrou no *Porta a Porta*. Bertone mostrou a frente e o reverso daquele envelope, revelando que *não tinha qualquer escrita na parte de trás* nem sinais de lacre. De facto, a dobra nem sequer tinha sido lambida e fechada. Este, como o próprio Bertone confirmou, era o envelope de fora *aberto* da Irmã Lúcia, endereçado ao Bispo de Fátima. Este “segundo envelope” – o nosso envelope nº 2, de que se fala no Capítulo 8 – jamais pode ser o envelope Capovilla, que todos admitem que estava *lacrado*, foi aberto por Paulo VI depois de ser trazido da escrivania de João XXIII, e novamente *lacrado*. E, é claro, o “segundo envelope” não tem a escrita do Arcebispo Capovilla. (*Ver* Capítulos 8 e 10; *ver* também as fotos nas páginas 227-232.)

Era evidente que, nesta altura, De Carli estava totalmente confuso ao tentar negar o inegável: que o envelope Capovilla e o seu conteúdo continuam bem escondidos no Vaticano. Mas enquanto negava isto de forma tão claramente incrível, não deixou de admitir que “podiam ter-me enganado,” De Carli só o confirmara

perante todo o mundo, à medida que as suas declarações eram transmitidas pela Internet.

A carta do Papa a Socci

De Carli foi confrontado com a carta reveladora do Papa, agradecendo a Socci o seu livro *Quarto Segredo*, carta esta em que não transparece sequer um vestígio de desaprovação papal pelo que Socci tinha escrito. Além disso, a carta introdutória do Papa na *Última Vidente*, agora chamada *Último Segredo*, não tinha tomado qualquer posição sobre o envelope Capovilla, nem sequer sobre um único dos pormenores da controvérsia, embora (como se discute mais adiante) a carta minasse todo o relato oficial, ao confirmar que o Segredo está em várias folhas de papel, e não apenas uma, como Bertone e De Carli agora mantêm. Além disso, a carta do Papa evita qualquer menção das graves acusações de Socci, às quais Bertone dedicou um livro, supostamente escrito para as refutar. Já vimos que o Papa, em vez de defender Bertone contra Socci, simplesmente “limit[ou]-se a generalidades,” como Socci apontou,³²⁷ deixando conspicuamente de mencionar que um preeminente leigo católico tinha acusado publicamente o seu Secretário de Estado de ter cometido o que se pode considerar um crime contra a Igreja e a humanidade! Neste ponto, De Carli atreveu-se a dar uma opinião que os factos claramente contradizem:

Ferrara: Sim, mas sabe bem que o Papa também gostou do livro de Socci. Enviou a Socci uma nota de agradecimento.

De Carli: Não é verdade, não é verdade. Deixe-me falar sobre isto, porque eu sei como as coisas são. Se não se importa, sei um pouco mais disto do que você! Quando envia um livro ao Papa, sabe quantos livros ele recebe? — 200 por semana, 800 por mês, pelo menos 10.000 por ano. O Secretário de Estado, os funcionários, os Monsenhores, escrevem uma nota, que diz: “Agradecemos-lhe, em nome de Sua Santidade, por ter enviado o livro, cujo conteúdo etc, etc.” A carta que Socci recebeu é deste género padronizado. É uma carta padronizada; significa que o Papa nem sequer olhou para o livro.

³²⁷ Antonio Socci, “Caro Cardeal Bertone: Qual – de nós dois – está a mentir deliberadamente?”, *Libero*, 12 de Maio de 2007; tradução portuguesa em <http://www.fatima.org/port/crusader/cr86/cr86pg35.asp>. Cf. também *The Fatima Crusader*, Nº 86 (Verão de 2007), pp. 35-42.

Claro que Socci não tinha recebido uma simples carta padronizada, mas antes uma carta pessoal do Papa em pessoa, o que levou Salza a perguntar porque é que o Papa faria um tal gesto se Socci tinha acusado falsamente Bertone de encobrir o Terceiro Segredo.

Salza: Se o Sr. Socci mentiu, porque é que o Papa não o condena?

De Carli: Porque não é um assunto de Fé.

Salza: Não é um assunto de Fé?

De Carli: Fátima é apenas uma revelação particular; não acrescenta nada à revelação.

Se Fátima é “apenas uma revelação particular”, segundo De Carli, isso não tem nada a ver com a pergunta. De facto, porque é que o Papa não condenou Socci, ou pelo menos o repreendeu em privado, pelo que seria a mais grave das calúnias contra o Secretário de Estado do Vaticano, mas, em vez disso, enviou-lhe uma carta a agradecer-lhe *pelo próprio livro que contém essa calúnia* e “os sentimentos que o sugeriram”?

A “ordem expressa” de Nossa Senhora sobre 1960

Pediou-se também a De Carli que se pronunciasse sobre outro elemento de prova incontroversa de um encobrimento: que Bertone tinha enganado a Igreja e o mundo a respeito da “ordem expressa” de Nossa Senhora sobre a revelação do Terceiro Segredo em 1960, como estava indicado em *ambos* os envelopes lacrados que Bertone revelara no *Porta a Porta*. Aqui, John Salza passou à frente com uma pergunta que levou a mais um passo em falso desastroso:

Salza: Segundo o Cardeal Bertone, a Irmã Lúcia nunca recebeu qualquer indicação da Virgem Maria em como o Segredo devia ter sido revelado em 1960. Mas o Cardeal Bertone disse que a Irmã Lúcia lhe tinha confessado que ela escolhera essa data, sem ter tido qualquer indicação da Virgem. Porém, no *Porta a Porta*, o Cardeal Bertone mostrou os dois envelopes da Irmã Lúcia perante as câmaras, provando assim que era por ordem explícita da Virgem que o Segredo não devia ser revelado antes de 1960. Portanto, como podemos reconciliar estes depoimentos? É possível que o relato do Cardeal Bertone não seja verdadeiro?

De Carli: Não. Essa questão de 1960 é uma que *já me pus a mim próprio várias vezes*, porque a Irmã Lúcia escreveu no envelope que “deve abrir-se em 1960.” Mas eu penso que a resposta do Cardeal Bertone é uma resposta convincente. [!] Queira notar que estamos a referir-nos a uma Irmã *que não sabia ler nem escrever. Ela começou a ler e a escrever quando tinha 30, 35 anos – portanto 15 anos, se não 20, depois das aparições.* Ela começou a compreender o valor das palavras, mas nunca teve uma boa compreensão do tempo.

Assim, a tentativa de De Carli para chegar a uma explicação era que a Irmã Lúcia *não sabia escrever quando escreveu* em ambos os envelopes lacrados: “Por ordem expressa de Nossa Senhora, este envelope só pode ser aberto em 1960 pelo Cardeal Patriarca de Lisboa ou pelo Bispo de Leiria.” A esta proposição disparatada, De Carli acrescentou a asserção demonstravelmente falsa de que Lúcia só aprendeu a ler e a escrever quando tinha trinta ou trinta e cinco anos, quando, na realidade, tinha aprendido quando ainda estava na adolescência – também por “ordem expressa” de Nossa Senhora na segunda aparição de Fátima, em 13 de Junho de 1917, *precisamente para poder fazer com que a Mensagem de Fátima fosse dada a conhecer ao mundo por escrito.* É um facto histórico documentado que Lúcia já escrevera ao seu Bispo em 1922, quando tinha apenas quinze anos.³²⁸

Esta noção de uma camponesa ignorante e analfabeta, que não fazia ideia do que estava a fazer quando escreveu a ordem expressa de Nossa Senhora nos dois envelopes, é parte do que o Padre Gruner chamou “fábulas contadas por quem não acredita em Fátima. A documentação de Fátima está muito bem feita, e nega a teoria segundo a qual a Irmã Lúcia não sabia o que escrevia. Isto é uma invenção,” disse a De Carli.

Quando o Padre Gruner insistiu mais sobre este assunto, De

³²⁸ Lúcia escreveu uma carta em 21 de Junho de 1921 à sua mãe, dias depois de ter deixado Fátima em 16 de Junho de 1921. Ao contrário do que De Carli afirmou, ela tinha aprendido a ler e a escrever quando tinha apenas 14 anos ou menos. Lúcia escreveu mais cartas à sua mãe em 4 de Julho, 17 de Julho, 2 de Outubro, 23 de Outubro e 18 de Dezembro de 1921, a que se seguiram cartas dirigidas à sua mãe e a outras pessoas em 2 de Janeiro, 2 de Fevereiro, 16 de Abril e 4 de Junho de 1922. Tinha apenas 15 anos nesta altura e escrevia bastante bem. Frère Michel de la Sainte Trinité cita excertos de algumas destas cartas em *The Whole Truth About Fatima*, Vol. II, pp. 217-221.

Lúcia escreveu o seu primeiro relato das aparições numa carta ao seu confessor em 5 de Janeiro de 1922 (antes de fazer 15 anos). Cf. Padre António Maria Martins, S.J., *Cartas da Irmã Lúcia* (publicadas pela Fraternidade Missionária de Cristo-Jovem, Sameiro, Braga, 1978), pp. 80-84. Esta carta manuscrita de quatro páginas e meia é reproduzida fotograficamente nas pp. 486-476 de *Documentos de Fátima* (Porto, 1976).

Carli teve de admitir que não tinha quaisquer explicações válidas para o facto de Bertone ter afirmado que Nossa Senhora nunca tinha dito nada a Lúcia sobre o Segredo estar ligado a 1960, quando os dois envelopes confirmam exactamente o contrário:

Padre Gruner: O Cardeal Bertone disse que a letra no envelope era a da Irmã Lúcia's, não disse? "Por ordem de Nossa Senhora, não abra antes de 1960." Foram ambos escritos por Lúcia, não foram? *Então porque é que Bertone disse que a Irmã Lúcia lhe tinha confessado que era ideia dela, que não foi uma ideia de Nossa Senhora? Que explicação dá para esta contradição?*

De Carli: *Não sei o que hei-de dizer.* Esse mistério de 1960 ainda se mantém. Há uma explicação que, a meu ver, é plausível, e que acho que pode ser aceite, que é a que, na minha opinião, Lúcia considerou a data de 1960 como muito longínqua, e portanto era como se dissesse: "Abra isto no século que vem." Ela imaginou que em 1960 — recorde-se que ela escreveu isto em 1944, portanto 1960 era dezasseis anos mais tarde — já cá não estaria.

Padre Gruner: Sim, mas ela disse "segundo a ordem explícita de Nossa Senhora." Neste escrito, ela nega que fosse sua ideia, e diz que foi por ordem da Madonna. Porque é que Bertone disse que Lúcia lhe confessara que era apenas a ideia dela?

De Carli: Só recolhi o que o Cardeal Bertone me disse. Não posso inventar coisas. Eu escrevo o que ouço, o que vejo, o que penso, e o que gravo. Pode pensar o que quiser...

A discrepância dos envelopes

Sobre a questão da revelação por Bertone, no *Porta a Porta*, de não um, mas dois envelopes, com a "ordem expressa" de Nossa Senhora sobre 1960, o Padre Gruner pediu a De Carli que explicasse porque é que, na *Última Vidente* (e agora no *Último Segredo*), Bertone volta a contar que pediu a Lúcia que autenticasse só *um* envelope. Talvez não dando conta de que estava a pisar um campo de minas plantado pelo próprio Bertone, De Carli saiu-se com uma resposta explosiva:

Padre Gruner: Quando o Cardeal Bertone declarou [na *Última Vidente*] que a Irmã Lúcia tinha autenticado um envelope, no programa de TV *Porta a Porta*, [ele] mostrou dois envelopes, em que a Irmã Lúcia tinha escrito palavras.

Como é que no primeiro livro — não sei se isto foi mudado no segundo livro, que é lançado amanhã — como é que diz que a Irmã Lúcia autenticou só um envelope?

De Carli: Não me lembro desse pormenor, desculpe, eu simplesmente não tenho ideia nenhuma disso; essa parte do livro não foi mudada. Eu próprio vi o documento. Levei comigo o meu fotógrafo, que o fotografou para mim. *E há um envelope que tinha escrito: “Para ser entregue ao Bispo de Fátima,” e um segundo envelope em que estava escrito: “Para ser aberto depois de 1960.”*

Ou seja, só mostraram a De Carli *um envelope* com a ordem de Nossa Senhora sobre 1960 quando o seu fotógrafo tirou uma fotografia do documento (a visão) publicado em 2000. Mas no *Porta a Porta* um *segundo envelope* “saltou de repente da cartola,” para empregar uma frase de Socci. Portanto, dá a entender que o próprio De Carli foi enganado neste caso, da mesma maneira como, ao que parece, o convenceram da ignorância e do analfabetismo da Irmã Lúcia. A verdade das suas palavras — “podiam ter-me enganado” — e as suas expressões repetidas de falta de confiança nos fotógrafos do Vaticano parecem aqui confirmar-se. E, dada a sua falta evidente de conhecimento da documentação de Fátima e dos pormenores históricos da controvérsia do Terceiro Segredo e da vida da vidente, De Carli seria particularmente susceptível a ser enganado por quem o quisesse usar para os seus fins.

Continuando na linha que lhe tinha sido claramente ditada por Bertone, De Carli imitou a tentativa desajeitada de Bertone para explicar a ligação clara e reveladora entre o Segredo e o ano de 1960:

De Carli: Na minha opinião, é plausível que, quando ela escreveu 1960 — não sei se foi por inspiração ou não — devia ter considerado essa data como uma data remota, muito longe dela no tempo, e deve ter pensado: “Certamente já cá não estarei em 1960 e portanto este Segredo poderá ser revelado.” *Depende precisamente da maneira de pensar da Irmã Lúcia, e da sua formação intelectual e cultural.* Nas suas outras memórias, ela também fala do tempo, mas vê-se que há uma extensão temporal que está acima da nossa. Ela vê o tempo de maneira diferente. Ela não é uma mulher que tenha um conhecimento perfeito do tempo. Ao escrever o ano de 1960, acho que ela pensou: “Com certeza já cá não estarei, e por isso o Segredo pode ser revelado.”

O que é que a “maneira de pensar” e a “formação intelectual e cultural” da Irmã Lúcia têm a ver com a ordem expressa da Virgem, escrita em dois envelopes diferentes, em como o Segredo não devia ser aberto depois de 1960? Era igualmente irrelevante a sugestão de que Lúcia pensava que já teria morrido em 1960, com 53 anos de idade, quando ela vivia com freiras octogenárias e ainda iria viver quase meio século para além de 1960, tendo morrido em 2005 com 97 anos de idade. A suposição de que Lúcia não tinha um “conhecimento perfeito do tempo” era mais um exemplo de como ela tem sido apresentada como uma camponesa analfabeta, de modo a desacreditar o seu testemunho incontroverso. A ordem expressa de Nossa Senhora, que ligava a revelação pública do Segredo a 1960, não pode apagar-se, diminuindo a vidente. Mas De Carli, seguindo Bertone, continuou uma tentativa desesperada para negar o que é evidente: que a Mãe de Deus queria que a Igreja e o mundo soubessem que alguma coisa referente ao Segredo tinha a ver com o ano depois do qual João XXIII anunciou o Concílio Vaticano II.

A mentira de o Segredo “pertencer ao passado”

Outro elemento claramente indefensível da posição “oficial” é que o Terceiro Segredo “pertence ao passado,” segundo o Cardeal Bertone, que repetia o Cardeal Sodano. A resposta de De Carli à questão pertinente afastava-se claramente da versão “oficial”, o que o próprio De Carli parecia ansioso por apontar:

Padre Gruner: ... Não compreendo porque é que o Cardeal Bertone nos disse que a era de ambição de poder e de iniquidade já acabou — isto é, em 26 de Junho de 2000, com a decisão de revelar o Terceiro Segredo. Estamos a ver bem que o tempo da iniquidade e da ambição de poder para a humanidade ainda não acabou!

De Carli: *É verdade.* Lendo o Terceiro Segredo, compreendemos que o Terceiro Segredo também é válido hoje. Não está só relegado para o passado. Tentei mostrar isto no meu livro, com uma reflexão do Cardeal Bertone, que chega então à *minha tese*. Leia-o com atenção. O Terceiro Segredo não é uma coisa que diz apenas respeito a um acontecimento no passado, mas é uma coisa que também nos diz respeito hoje. Tem, portanto, um poder que vai muito além de uma simples memória histórica.

Embora De Carli admita agora, pelo menos, que o Terceiro Segredo *não* pertence ao passado, uma consulta ao *Último Segredo* não revela esta mudança de posição por parte de Bertone, mas apenas a sua “reflexão” (num novo capítulo) em como “é bom, portanto, que eles [os acontecimentos de Fátima] sejam consignados à memória colectiva, deixando para trás vestígios que não estão privados de significado.”³²⁹ O que é que este comentário nebuloso poderá querer dizer? E note-se que De Carli indicou que Bertone tinha supostamente “chegado” à sua “tese,” e não que Bertone admitiu ter cometido um erro de facto sobre o alcance do Segredo.

Em 2007 Bertone disse:

Última Vidente: Os meios de comunicação recusaram-se teimosamente a aceitar o facto de que a profecia já não está aberta ao futuro, mas refere-se a algo que agora pertence ao passado. Não estão dispostos a aceitar o que é óbvio. A parte que se mantém válida, e que ainda é tão urgentemente relevante como nunca, é a mensagem de Nossa Senhora, que, em primeiro lugar, é o que é mais importante a respeito da profecia.³³⁰

Em 2010 Bertone disse essencialmente a mesma coisa:

Último Segredo: A cegueira jornalística consiste em não quererem aceitar o facto de a profecia se ter cumprido no passado, no acontecimento indicado [a tentativa de assassinio do Papa em 1981]. Mas, como já foi sabiamente apontado, também quanto ao martírio da Igreja, que se prolongaria através dos séculos — mesmo até ao nosso Século XXI. Convém notarmos a mensagem fundamental da Virgem, que vai para além da profecia, e continua a ser válida e a ter importância para nós no tempo presente.³³¹

³²⁹ *L'Ultimo Segreto di Fatima*, p. 40.

³³⁰ *L'Ultima Veggente di Fatima*, p. 79. No italiano original: “Cosa andiamo a sindacare noi? Non possiamo toccare niente, non ci è permesso mettere in fila gli eventi in uno schema precostituito. L'accanimento mediatico è quello di non volersi capacitare che la profecia non è aperta sul futuro, è consegnata al passato. Non ci si vuole arrendere all'evidenza. È il messaggio di fondo della Vergine, che trapassa l'intera profecia, che rimane valido e di stringente attualità.”

³³¹ *L'Ultimo Segreto di Fatima*, p. 89. No italiano original: “Cosa andiamo a sindacare noi? Non possiamo toccare niente, non ci è permesso mettere in fila gli eventi in uno schema precostituito. L'accanimento giornalistico è quello di non volersi capacitare che la profecia si è realizzata nel passato, nell'evento indicato. Ma, come è stato saggiamente notato, riguarda anche il martirio della Chiesa che si prolunga nei secoli, anche in questo nostro XXI secolo. A ben guardare, è il messaggio di fondo della Vergine, che trapassa l'intera profecia, che rimane valido e di stringente attualità.”

As tais “notas” de “quinze horas” de conversa

Sobre a referência que De Carli fez às “notas” de Bertone de quinze horas de conversas com Lúcia, John Salza obteve uma série de respostas que revelaram que De Carli sabia pouco mais do que qualquer outra pessoa sobre o que contêm (se contêm mesmo alguma coisa):

Salza: Onde estão as notas do Cardeal Bertone sobre as entrevistas com Lúcia — quinze horas de conversas!

De Carli: O Cardeal Bertone é que as tem, e eu consultei-as. Se não, como é que eu podia ter escrito o livro? Passei seis dias com ele, a verificar as suas notas, a fazer-lhe perguntas e a gravá-las.

Salza: E na sua opinião, porque é que não foram publicadas?

De Carli: Todas as notas estão no meu livro.

Salza: *Todas?*

De Carli: Sim, quase todas; e depois há outras coisas — quinze horas de conversas. Mas não nos podemos lembrar de tudo, mesmo quando temos um encontro de três horas.

Salza: De que é que eles podiam ter falado em quinze horas?

De Carli: *Já fiz essa pergunta a mim próprio.* Fiz a pergunta ao Cardeal. Não pense que eu não fiz as mesmas perguntas que me está a fazer agora; porque sou jornalista, não sou uma quinta coluna da Igreja, apesar de ser católico e até mesmo devoto de Fátima, e até gosto dela como Santuário. Mas eu fiz as perguntas que fiz como um jornalista que quer ver a verdade a chegar à superfície.

Quem tiver lido a *Última Vidente*, e a sua segunda edição chamada *Último Segredo*, saberá que o conteúdo relativo a conversas directas com a Irmã Lúcia não podia sequer ter chegado a quinze *minutos* de conversa, quanto mais quinze horas. Ambas as versões do livro apresentam talvez quatro frases atribuídas à vidente, tiradas das supostas quinze horas de entrevistas. A afirmação de que “todas” ou “quase todas” as notas misteriosas de Bertone — um dia inteiro de conversas com Lúcia — tinham sido incorporadas no livro era ridícula.

Na verdade, De Carli admitiu que tinha perguntado *a si próprio* de que é que os dois podiam ter falado durante tantas horas. Por outras palavras, *De Carli não faz ideia, a partir das “notas” de Bertone,*

do que eles falaram, porque essas notas não reflectem quinze horas de conversas. E é impossível dizer o que reflectem, porque Bertone recusa-se a publicar as suas “notas” ou as “minutas editadas” (*verbali redatti*) que a Irmã Lúcia supostamente “assinou com plena convicção,” segundo a *Última Vidente*³³² e o “novo e melhorado” *Último Segredo*. Note-se aqui que, ao que parece, De Carli nunca teve acesso às alegadas “minutas editadas” para qualquer das versões do livro, e portanto nem ele nem qualquer outro pôde confirmar a sua existência, o seu conteúdo ou a assinatura da Irmã Lúcia.

A “nota confidencial” do Arcebispo Capovilla

Mais uma peça de evidência incontrovertida, a que se chamou a atenção de De Carli, foi a “nota confidencial” do Arcebispo Capovilla em que apontou que, em 27 de Junho de 1963, Paulo VI lera um texto do Terceiro Segredo, tirado da escrivãinha Barbarigo, que estava nos aposentos papais de João XXIII — um facto radicalmente oposto ao relato “oficial”, que afirma que Paulo VI leu o Segredo pela primeira e única vez em 27 de Março de 1965. (Ver Capítulo 6.) Já vimos (no Capítulo 10) que, durante o “Show do Cardeal Bertone” em Setembro de 2007, De Carli tentou abafar esta discrepância devastadora, levando Capovilla a sugerir, durante a sua entrevista do Arcebispo, que o Papa Paulo VI leu o mesmo texto duas vezes — em 1963 e em 1965 — embora o próprio Capovilla demolisse essa ideia na mesma entrevista, ao dizer que, depois da leitura de 1963, “o envelope foi outra vez lacrado e não se falou mais nele.”

Isto é, segundo o próprio Capovilla, *não se falou mais no envelope* depois da leitura do seu conteúdo e de ter sido fechado de novo em 1963. O depoimento de Capovilla não só não confirma a desculpa de Bertone como ainda põe de parte a hipótese de uma segunda leitura em 1965, que obrigaria a abrir de novo o envelope então lacrado (ou “fechado”) mais uma vez.

O que teria De Carli a dizer sobre isto, agora que podia ser interrogado directamente sobre isso? Curiosamente, a sua anterior confiança em Capovilla como a única testemunha viva fidedigna foi de repente substituída por cepticismo em relação ao depoimento do Arcebispo:

Padre Gruner: Só mais uma pergunta: Socci, referindo-se à entrevista de Solideo Paolini sobre este assunto, disse:

³³² *L’Ultima Veggente di Fatima*, p. 100.

“Como é que há duas datas: a de Junho de 1963 e a outra de Março de 1965?”

De Carli: Isto também está no meu livro. Porque me deu que pensar haver duas datas, mas só uma registada oficialmente. O facto é que *não temos a certeza sobre a segunda data, o único que nos deu duas datas foi Monsenhor Capovilla*. Ora bem, ele é um homem preciso e escreveu essa data no seu diário, mas ela não aparece no arquivo oficial. Não tenho a certeza que deriva do registo das audiências, do que foi feito por Paulo VI, que neste caso não corresponde aos arquivos do Secretário de Estado e da Congregação para a Doutrina da Fé. E se isto vem só de um homem, mesmo que ele fosse o seu Secretário [de João XXIII], não acho que se possa considerar oficial. Tem de estar incluído na entrevista [mostrada no “*Show do Cardeal Bertone*”], mas ainda consideramos como data oficial 26 ou 27 de Junho de 1963 [sic]. Até eu estou um bocado confuso com as datas.

Note-se, em primeiro lugar, a confusão, admitida pelo próprio De Carli, sobre as datas: deu 26 ou 27 de Junho de 1963 como data “oficial” da leitura do Segredo por Paulo VI, em vez de 27 de Março de 1965 (segundo a *MDF*, o folheto “oficial” do Vaticano sobre o Terceiro Segredo publicado em 26 de Junho de 2000). É evidente que lhe faltava um bom conhecimento dos factos mais básicos da controvérsia, apesar de Bertone o ter usado para escrever um livro sobre ela. Quando à afirmação de que a nota de Capovilla “não corresponde aos arquivos do Secretário de Estado e da Congregação para a Doutrina da Fé,” devia ser óbvio para De Carli de que há mais pormenores do que os que estão contidos nesses arquivos, porque Capovilla indicou categoricamente que havia um texto do Segredo nos aposentos papais.

Aqui, De Carli concedeu na prática que não tinha resposta para estas provas, a não ser *criar dúvidas sobre o depoimento da testemunha que, momentos antes, tinha dito ser a mais fidedigna*. Pior ainda, De Carli deu credibilidade total à recordação de Capovilla de que o texto que o Papa João XXIII leu em 1959 “correspondia” à visão publicada em Junho de 2000 – o que, mais uma vez, não estava em questão – ao mesmo tempo que punha em dúvida *um registo escrito* do que o Arcebispo testemunhara, e que hoje confirma, sobre a leitura do Terceiro Segredo por Paulo VI em 1963.

Note-se aqui que *Último Segredo*, num desvio dramático do que aparecia na *Última Vidente*, “ajusta” o relato “oficial” para dizer que Paulo VI “leu-o [o Segredo] duas vezes, segundo o que foi relatado

por Monsenhor Capovilla. Certamente em 27 de Março de 1965, e optou pela sua não-publicação.”³³³ Mas vimos que a afirmação de duas leituras do *mesmo* texto, contido no *mesmo* envelope foi rotundamente desmentido pelo próprio Capovilla, que declarou que o envelope aberto em 1963 foi novamente lacrado e que não tornou a falar dele depois disso.

As declarações de Capovilla a Paolini

Já vimos que nunca Bertone, De Carli ou quem quer que seja pediram ao Arcebispo Capovilla que negasse especificamente o que admitira a Solideo Paolini – “Exactamente!” – em resposta à pergunta sobre se havia dois envelopes diferentes e dois textos diferentes relativos ao Terceiro Segredo. (Ver Capítulos 7 e 10.) Confrontado com este ponto revelador, De Carli não só declarou que Paolini era um mentiroso, que inventara a sua conversa com o Arcebispo Capovilla, mas acrescentou que tinha em sua posse mais um documento relativo ao Segredo que o Vaticano não deixa que ninguém veja:

Padre Gruner: ... Porque é que ele [Capovilla] não negou o que Paolini disse?

De Carli: Não, calma aí, não. Falemos de como se obteve aquela entrevista. Foi um encontro, este Solideo Paolini, que foi ver Monsenhor Capovilla. Foi uma simples conversa, e depois ele extraiu dela uma entrevista que verdadeiramente e de facto não existiu, *e grande parte dessa entrevista foi completamente inventada.*

Ferrara: Porque é que ninguém perguntou ao Arcebispo Capovilla “sim ou não” sobre o facto de ter respondido a Paolini “Precisamente!”, à pergunta que era: “Há dois textos do Terceiro Segredo de Fátima?” Porque é que ninguém lhe perguntou isto?

De Carli: Olhe, tenho à mão [*isto é, à sua disposição*] uma carta de Monsenhor Capovilla, enviada ao Secretário de Estado e ao Santo Padre, em que ele nega ter alguma vez respondido dessa maneira a Solideo Paolini. Ele nega. Portanto, ou este Solideo Paolini é um mentiroso, e lucrou com isso, ou Monsenhor Capovilla é um mentiroso. *Acredito que Solideo Paolini seja um mentiroso.*

Ferrara: Posso arranjar uma cópia [da carta]?...

³³³ *L'Ultimo Segreto di Fatima*, p. 70.

Salza: Porque é que não publicou esta carta de Capovilla, se ela podia responder a todas as perguntas?

De Carli: Porque é correspondência particular, não posso; desculpe.

Assim, De Carli acusou publicamente Paolini de ser um mentiroso, e depois recusou-se a publicar as suas provas dessa acusação – uma alegada carta de Capovilla ao Papa e ao Secretário de Estado – dizendo que era “particular”! Mas tinham-lhe dado cópia dessa mesma carta “particular”, e ele estava agora a agitar a sua alegada existência perante o mundo inteiro e ao mesmo tempo a recusar-se a mostrá-la. Com táticas destas, não é para admirar que cada vez menos Católicos acreditem no relato “oficial”. E é muito significativo que *Último Segredo* não faça menção desta carta secreta mas nem por isso secreta, embora De Carli, co-autor do *Último Segredo*, tenha revelado espontaneamente a sua existência na altura da promoção que fez desse livro, na conferência *O Desafio de Fátima*.

E o “acrescento” ao texto da visão, cuja existência Capovilla admitiu numa gravação em áudio que foi tocada aos representantes da imprensa por Paolini e Soggi, antes de serem expulsos do local do “Show do Cardeal Bertone”? Recorde-se que *Il Giornale* noticiou no dia seguinte que a revelação de Capovilla, que o Vaticano nunca negou, “confirmaria a tese da existência de uma segunda folha com a interpretação do Segredo [pela Virgem],” e que, por conseguinte, “o mistério, e acima de tudo a polémica, irá continuar.” (Ver Capítulo 10.) Aqui, em vez de negar a revelação explosiva de Capovilla que tinha sido gravada, De Carli ignorou simplesmente a revelação e fixou-se na observação irrelevante de Capovilla de que não há um “Quarto” Segredo de Fátima, ao mesmo tempo que dava mais um passo em falso:

Padre Gruner: ... Sabemos que esse acrescento existe. Só o Cardeal Bertone e o Cardeal Sodano é que acreditam que, embora tivesse sido escrito pela Irmã Lúcia, “não é parte do Segredo” por ter sido criado na cabeça da Irmã Lúcia. Mas este acrescento está lá. *Ninguém o nega!* Está hoje a negar, em seu nome e/ou por conta do Cardeal, está a negar que haja este outro acrescento ao Segredo, contendo as palavras de Nossa Senhora que explicariam o Terceiro Segredo? Ou, pelo menos, contendo o que alguns de entre nós acreditam ser as palavras autênticas de Nossa Senhora, e que outros acreditam antes que são palavras da Irmã Lúcia – portanto,

não autênticas — mas, pelo menos, que este texto existe?

De Carli: Podíamos continuar assim durante horas, e nunca chegaríamos a concordar um com o outro. Agora eu, sobre a entrevista eu fiz, [perguntei] mas há um Quarto Segredo? “Quando ouvi ‘Quarto Segredo’ [disse Capovilla], fiquei confuso. Mas o que quer dizer com ‘Quarto Segredo’? O texto que eu li, aquele que eu li, que o Cardeal Ottaviani leu, leu isso, os outros leram isso — aqui estão todos os nomes.”

Repare-se que De Carli parafraseou o depoimento de Capovilla sobre os prelados do Vaticano que leram o texto contido no “envelope Capovilla” e “aqui estão todos os nomes” — querendo com isto dizer os nomes que ele tinha escrito no lado de fora do envelope. *Mas é precisamente o envelope Capovilla que Bertone não apresentou e se recusou a apresentar.*

De Carli continuou, sugerindo que talvez Capovilla, a quem, momentos antes, descrevera como “uma testemunha digna de crédito, a única testemunha viva,” tivesse uma memória com falhas, referente ao conteúdo do Terceiro Segredo:

Parece-me claro que, ao longo dos anos, estas pessoas que leram o Segredo, como já não tinham ao seu alcance o texto original... poderão às vezes ter perdido umas palavras, uma frase aqui, outra acolá, etc. E assim se constrói a hipótese de uma mensagem que não correspondia exactamente ao que os Cardeais tinham lido, *porque a sua memória não se aguentava do princípio ao fim.*

E assim aparece um Segredo que é diferente do que eles tinham lido. Não sei se posso explicar isto correctamente, é um passo muito delicado, como veio a existir esta teoria de outro texto que a Igreja não queria publicar. Porque os que o leram — e não foi só o Papa e Monsenhor Capovilla, porque, como disse, pelo menos mais nove pessoas o leram — à medida que o tempo passava começaram a falar sobre o que leram mas, *como não conseguiam lembrar-se bem do que tinham lido*, vieram a discorrer que havia textos diferentes, interpretações diferentes. A partir das interpretações diferentes, disse-se: “Como vê, o texto que foi publicado não é o de que se falava há anos.” É tudo.

Assim, De Carli atribuiria a confissão gravada em áudio de Capovilla de que há um “acrescento” ao texto da visão a uma perda de memória quanto ao que tinha visto e lido. Mas se a visão fosse tudo o que havia no Segredo, e se Capovilla — como qualquer

outra pessoa — viu o texto publicado da visão, a sua memória teria sido refrescada, e ele com certeza não se teria referido a um texto *adicional*, que vai *para além* da visão, e ainda a *um envelope adicional* contendo esse texto (o envelope Capovilla), com base numa *perda* de memória. A ideia é absurda.

E a respeito do “etc”?

O relato “oficial” foi sempre comprometido fatalmente pela clara impossibilidade de ter feito à Irmã Lúcia uma simples pergunta sobre o ponto fulcral da controvérsia do Terceiro Segredo: aquele famoso “etc” que a Irmã Lúcia tinha colocado no fim do Grande Segredo, que escrevera na sua Quarta Memória para indicar o início da sua terceira (e final) parte, que claramente está relacionada, de alguma maneira, com uma crise (entre os fiéis) do dogma católico fora de Portugal. Ao ser instado sobre esta prova evidente de um encobrimento, De Carli desculpou-se com uma falta de memória:

Padre Gruner: Durante a entrevista em vídeo [de Capovilla, mostrada no “*Show do Cardeal Bertone*” em Setembro de 2007] não há perguntas directas a Bertone ou a Capovilla. Uma pergunta directa só pode levar a uma resposta igualmente directa: Sim ou Não. Por exemplo, parece-me — Não sei com precisão, porque não tenho comigo toda a documentação — mas até agora nunca vi a pergunta que o Cardeal Bertone fez à Irmã Lúcia: “O que quer dizer o ‘etc’? Indica mais alguma coisa ou não? Sim ou não?” Esta é uma pergunta. Mas há outras. *Pode afirmar-se que Bertone perguntou isto à Irmã Lúcia?*

De Carli: *Não me recordo disto.* Quando não tenho a certeza, não respondo. Sobre aquele “etc” — a seguir à frase “Portugal não perderá a Fé católica e as nações católicas etc” [sic], o que está nesse “etc”? — disse a Bertone: “Olhe, muita gente imaginou que por detrás desse ‘etc’ está outro texto que não existe.” E ele respondeu — *Já não me lembro do que ele respondeu. Desculpe, sobre este ponto não tenho uma lembrança precisa.*

Instado mais uma vez para que comentasse a controvérsia do “etc”, De Carli concedeu que representava, de facto, o início do Terceiro Segredo de Fátima:

Salza: Só mais uma [pergunta], por favor: É possível que

Nossa Senhora tivesse concluído as Suas palavras com um “etc” — como se se tivesse conseguido esquecer do que dissera? Como explica esse “etcetera”? Pode dar-nos uma explicação?

De Carli: O “etc” era da Irmã Lúcia. Pôs lá aquele etcetera porque ainda lhe faltava escrever a última parte do Segredo. Aquele “etcetera” dizia: “deixe isso comigo.” Mas aquele “etcetera” atraiu muito a atenção dos Bispos, dos seus confessores — para não mencionar dos jornalistas, dos “profetas da desgraça” e dos anunciadores do apocalipse. E quando a Irmã Lúcia se viu finalmente apertada, colocada contra a parede, encheu o etcetera com o Terceiro Segredo.

Ora bem, se o “etc” representa alguma coisa que Lúcia mais tarde “encheu... com o Terceiro Segredo” — que era o que realmente era — então é evidente de que aquilo com que Lúcia “encheu” só podia ter sido *as palavras da Virgem Maria* que se seguiam à sua referência à conservação do dogma em Portugal, porque o “etc” interrompe uma frase em que a Santíssima Virgem estava a falar. Mas De Carli invocou um lapso de memória sobre o que Bertone lhe disse sobre este ponto extremamente crucial.

O que havemos de dizer? Mais de dez anos depois de ter começado a controvérsia sobre se a revelação que o Vaticano fez do Terceiro Segredo era ou não completa, ainda não temos uma resposta da parte do Vaticano à única pergunta que revelaria a verdade: Quais eram as *palavras* de Nossa Senhora que concluem o Grande Segredo de Fátima, completando a sua terceira parte, a parte final? Parece que há um plano para nos ocultar essas palavras para sempre, se for possível.

O depoimento do Cardeal Ottaviani

Confrontado com o depoimento do falecido Cardeal Ottaviani, de que o texto do Terceiro Segredo que ele vira tinha 25 linhas ao todo, e não as 62 linhas da visão, De Carli repetiu Bertone ao afirmar que *isto era de facto o depoimento de Ottaviani*, mas propunha a “tese” (assim como Bertone) que Ottaviani tinha, não se sabe como, confundido um texto de 62 linhas com um de 25 linhas:

Padre Gruner: Na televisão, no [programa] *Porta a Porta* de 31 de Maio de 2007, houve um Vaticanoista que perguntou: “Mas o Cardeal Ottaviani disse que o texto consiste em 25 linhas; então como é que este texto tem 62 linhas?” E o Cardeal Bertone afirmou que o Cardeal Ottaviani tinha dito

isto, tentando explicar com se tinha enganado. Não sei — no seu livro há uma resposta a esta pergunta?

De Carli: Sim, isto também está no meu livro. A tese — já não posso entrevistá-lo, porque está no seio de Deus — a tese é que Ottaviani se tinha enganado ao dizer 25 linhas, estava errado.

Depois de alguma insistência sobre este ponto, De Carli admitiu que não tinha uma resposta válida para esta discrepância evidente entre o que foi publicado em 2000 e o que o Cardeal Ottaviani descreveu:

Padre Gruner: Mas esta explicação do Cardeal Bertone, que disse que talvez Ottaviani não tivesse visto o outro lado, e o facto de que, mesmo somando estes dois lados, a soma é... 31-32... não 25 linhas — como é que ele se podia ter enganado tanto? E como é que o Bispo de Fátima, [que] viu contra a luz — só podemos dizer que há [segundo ele] dois envelopes [não quatro] — e disse que havia 25 linhas, como é que este texto tem 62 linhas? O Bispo Venâncio escreveu tudo. Está no arquivo de Fátima.

De Carli: *Não sei responder a isto, e quando não sei responder, não respondo. Tenho as notas do encontro entre o Cardeal e a Irmã Lúcia. Bertone mostrou a Lúcia as 64 linhas do texto, que ela então virou e voltou a virar, examinou; e a pergunta precisa é: “Irmã Lúcia, é este o texto que escreveu em 1944, e que depois foi posto no envelope?” “Sim, é o meu texto.” “E este é o seu envelope?” “Sim, este é o meu envelope.”*

A referência de De Carli à autenticação por Lúcia de *um só* envelope, quando Bertone tinha mostrado *três* envelopes de Lúcia no *Porta a Porta*, levou a outra série de perguntas, cujas respostas sublinharam dramaticamente a falta de confiança no relato “oficial”.

Uma folha ou várias folhas: uma “correção” conveniente

Como já vimos (cf. Capítulo 8, páginas 128, 137), segundo Bertone, quando a Irmã Lúcia autenticou o texto do Terceiro Segredo em Abril de 2000, disse-lhe: “Sim, são as minhas *folhas* de papel (*fogli*) e o envelope é meu; são as *folhas* (*fogli*) de papel que eu usei e esta é a minha letra. Este é o meu envelope, esta é a minha letra, este é o meu texto.”³³⁴ Recorde-se mais uma vez que, no *Porta a Porta*, em 31 de Maio de 2007, Bertone mostrou uma *folha*

³³⁴ *L’Ultima Veggente di Fatima*, p. 49.

de papel e três *envelopes* preparados por Lúcia (o envelope exterior não lacrado e os dois envelopes lacrados com a ordem expressa da Santíssima Virgem sobre 1960). Mas, segundo a *Última Vidente* de Bertone e De Carli, publicado em 10 de Maio de 2007, várias semanas antes, Lúcia tinha autenticado *folhas* de papel (*fogli*) e só um envelope — *exactamente o contrário* do conjunto de documentos que Bertone mostrara, semanas depois, perante as câmaras.

Esta enorme discrepância, que nunca foi explicada, levou à série de perguntas que se seguiram, em resposta às quais De Carli revelou mais outro “ajustamento” das palavras que Bertone atribuiu à Irmã Lúcia, como ficou alegadamente registado nas “notas” tão notavelmente adaptáveis de Bertone:

Salza: Mas no seu livro com o Cardeal Bertone, este afirmou que a Irmã Lúcia disse: “Sim, estas são as minhas *folhas* [*fogli*]” — usando o plural. Mas o que foi mostrado no *Porta a Porta* foi apenas uma folha. Onde estão as outras folhas?

De Carli: Isto está mais bem explicado aqui [no *Último Segredo*] porque *voltámos a verificar o arquivo*, o que é uma das razões para termos feito uma segunda edição. Há dois lados. O livro explica tudo exactamente porque eu repito-o várias vezes: 4 páginas em 2 folhas — duas de um lado e duas do outro lado. Porque, nas notas do Cardeal — lembre-se, quando escrevi esse livro [*Última Vidente*], estávamos em 2006, o Cardeal Bertone estava a mudar-se para Roma, tinha prateleiras cheias de livros e tinha estes diários, pelo menos 50 páginas de notas no diário, e lemo-as um pouco mais depressa. Assim, na altura confiámos na contagem das 64 linhas, mas agora é claro que há duas folhas (*fogli*) [!] de quatro páginas.

Padre Gruner: O meu italiano não é perfeito, mas em inglês dizemos uma “folha” assim [levantando uma folha de papel]. Pode-se dobrar esta folha, mas é só uma folha. Quando a Irmã Lúcia disse que estas eram as suas folhas, disse que havia mais outro papel, além deste.

De Carli: *Tem razão em se referir a isto*. Devia encontrar o texto. Agora não o encontro [no exemplar do *Último Segredo* em que estava a pegar]. Mas o livro especifica, de uma maneira quase maníaca, esta coisa sobre as folhas que a Irmã Lúcia tinha na mão. *Já não são várias folhas, mas uma só folha*, dividida em 4 lados, uma só folha, exactamente como ele lhe mostrou — ao meio, 2 lados e 2 lados. Está repetido duas vezes.

Salza: Portanto, estava enganado quando disse que havia duas folhas, e agora diz que só há uma? Temos de ser exactos, aqui, porque já tinha dito [aqui] que há duas folhas, e portanto a pergunta é: há só uma folha ou há duas?

De Carli: Estou a olhar para o texto [do meu livro], porque não me lembro de todos estes pormenores. Eis o que está no livro: Falámos de um envelope grande, estampado com o selo da Congregação para a Doutrina da Fé. No envelope [escrito em 1944] está o escrito sobre 1960, e que continha outro envelope, com uma só folha com linhas, dobrada em duas, e quatro lados escritos pela mão da Irmã Lúcia.

Ferrara: O primeiro livro fala de folhas!

Salza: Isto é uma mudança!

De Carli: Fizemos uma segunda edição do livro para esclarecer melhor, e também de um ponto de vista italiano com referência às traduções em diversas línguas. E o que nós *queríamos* dizer é que é *uma só* folha com linhas, dobrada em duas, e quatro lados.

Salza: Portanto, enganou-se quando disse que eram “folhas,” no plural, não é assim?

De Carli: Eu errei. Não posso enganar-me? Não seremos humanos?

Salza: Mas [hoje] disse isto, duas ou três vezes, especificamente.

De Carli: Uma pessoa pode enganar-se. De facto, eu queria verificar outra vez o texto [do livro] porque era importante esclarecer este ponto: uma folha com linhas, dobrada em duas, escrita em quatro lados. Mas Fátima não é só uma folha com linhas, escrita em quatro lados. Fátima é o maravilhoso Segredo de Maria, que apareceu aos três pastorinhos! Isto é o que realmente conta.

As declarações de De Carli foram desastrosas para o relato “oficial”. Por um lado, mesmo no meio da tentativa de explicar que o Segredo estava numa só folha de papel, referiu-se a *duas* folhas, mostrando a sua confusão neste assunto. Além disso, o “erro” sobre o número de folhas usadas — uma em vez de duas ou mais — não podia ser o seu erro, porque, segundo Bertone na *Última Vidente*, foi a *Irmã Lúcia* que se referiu a *folhas* de papel (*fogli*) e Bertone forneceu, como acima se faz notar, uma alegada *citação verbatim da vidente* para esse efeito. Mas, como já aconteceu tantas vezes

nos anais do “relato oficial,” as palavras da “Irmã Lúcia” foram alteradas para estarem de acordo com as exigências do momento. Assim, enquanto que, na *Última Vidente*, ela é citada como tendo dito: “estas são as minhas *folhas* de papel (*fogli*)... são as *folhas* (*fogli*) *de papel* que eu usei,” no *Último Segredo* a “Irmã Lúcia” diz agora: “Sim, sim, este é o meu *papel*.” Como disse De Carli: “já não são várias folhas, mas uma só folha...” Por outras palavras, quando é necessário mudar o “relato oficial” para responder a objecções sérias, o que a Irmã Lúcia disse antes “já não é” o que “ela” diz agora, quando já morreu, muito convenientemente! Simples!

Mas não é tão simples assim. Porque, na sua carta introdutória sem compromisso à *Última Vidente*, reproduzida sem alterações no *Último Segredo*, é o próprio Papa Bento XVI quem relata que, ao preparar o “comentário teológico” sobre o Segredo, ainda ele era o Cardeal Ratzinger (cf. Capítulo 4), tinha “rezado e meditado profundamente sobre as palavras *autênticas* da terceira parte do Segredo de Fátima, contida nas *folhas* [*fogli!*] escritas pela Irmã Lúcia.” Ou, no original italiano: “le parole autentiche della terza parte del segreto di Fatima contenute nei *fogli* scritti da Suor Lucia.”³³⁵ Portanto, o próprio Papa revela que o Terceiro Segredo está em *várias* folhas de papel, enquanto que a Irmã Lúcia, que também já dissera o mesmo, “já não” o diz – segundo Bertone e De Carli, agora que a vidente já não está viva para os contradizer. Mas nem mesmo Bertone ousaria afirmar que o Papa se tinha enganado quando escreveu *fogli* em vez de *foglio!* Nem Bertone estava numa posição de “corrigir” a carta introdutória papal. Estava encravado com ela, e com a discrepância evidente que causa – mais uma discrepância – na sua história sempre a mudar.

E repare-se na referência significativa do Papa às “palavras *autênticas* da terceira parte do Segredo” nos ditos *fogli*, indicando mais uma vez o que Socci (como vimos no Capítulo 8) chamou “estrada para a verdade,” aberta pela sugestão do Papa de que “existem palavras do Segredo consideradas ‘*não* autênticas.’”³³⁶ Isto é, o Papa está a indicar que há de facto outro texto, contendo o que alguém considerou convenientemente serem palavras “*não* autênticas” da Virgem, e que ele leu este texto como uma das *fogli* (folhas) a que se refere na sua carta de apresentação, embora não seja considerada parte do que Bertone e Sodano chamaram

³³⁵ *L'Ultimo Segreto di Fatima*, p. 10.

³³⁶ Antonio Socci, “Bertone nel ‘vespaio’ delle polemiche,” *Libero*, 2 de Junho de 2007 em <http://www.fatima.org/port/crusader/cr86/cr86pg43.asp>.

“palavras autênticas” do Segredo. Mas, como Socci diz: “Coragem, pois: publiquem tudo. ‘A verdade libertar-vos-á.’”³³⁷

Especialmente reveladora foi a explicação de De Carli, atrás citada, de que, antes de produzirem a segunda edição da *Última Vidente*, “nós [ele e Bertone] voltámos a verificar no Arquivo” se o Segredo estava em *fogli* ou um só *foglio*. Ai sim? Mas porque é que era necessário “verificar” o Arquivo? Não se punha em causa que o texto da visão estava escrito num *foglio*, dobrado ao meio para fazer quatro páginas utilizáveis, duas de cada lado, como Bertone mostrara ao mundo na transmissão do *Porta a Porta*. O que é que esperavam encontrar, quando foram “verificar” o Arquivo? Ou talvez os seus olhos os tenham enganado, e o *foglio* fosse realmente dois (ou mais) *fogli* desde o princípio? Ou então, o *foglio* tinha-se dividido por artes de magia em dois (ou mais) *fogli* quando o Papa leu “le parole autentiche... contenute nei *fogli* scritti da Suor Lucia,” para mais tarde se recombinarem num só *foglio* que veio a aparecer no programa *Porta a Porta*? Ou estariam talvez De Carli e Bertone a “verificar” se tinham deixado de reparar num dos textos do Terceiro Segredo de Fátima, que talvez tivesse caído ao chão ou estivesse deslocado? É que não é de crer que De Carli e Bertone voltassem ao Arquivo para “verificar” se a visão estava escrita numa ou mais folhas de papel. Os advogados sabem que uma testemunha pode meter-se em grandes trabalhos se tentar alindar a sua história com pormenores que na realidade não aconteceram. A visita urgente ao Arquivo para “verificar” qualquer coisa, não havendo uma razão plausível para essa verificação, é um desses enfeites.

Porque é que ele apareceu?

Depois de se ter submetido a perguntas que só demonstraram, mais uma vez, porque é que o “relato oficial” perdeu toda a credibilidade, De Carli escusou-se e deixou a conferência. A impressão geral com que ficámos da sua intervenção era a de um homem decente que, anos antes, tinha entrado num combate para que estava mal equipado, como ele próprio admitiu, tinha levantado a sua bandeira no lado errado, e agora talvez tivesse começado a ter dúvidas sérias sobre a versão dos factos que estava encarregado de defender. “Podiam ter-me enganado” é uma frase que não podia ser mais reveladora de um homem que tivesse tido

³³⁷ Ibid.

dúvidas.

Realmente, porque é que De Carli se arriscou a aparecer? Não há dúvida que mostrou a sua coragem; e, se tivermos de especular sobre os seus motivos, a caridade obriga-nos a pensar no melhor. O que parece razoável concluir a seu favor é que, dada a demolição do relato “oficial” por revelações inadvertentes e passos em falso, uns atrás dos outros, os seus colegas de jornalismo convenceram-no a aceitar o convite que recebera para estar presente na conferência, e ele sentiu-se obrigado em consciência a pelo menos tentar explicar-se ao grupo — os “Fatimistas” — que pareciam cada vez mais ter razão, mesmo para ele. De facto, já no salão de entrada, De Carli recusou-se a apertar a mão do Padre Gruner. Em vez disso, abraçou-o e disse-lhe calorosamente: “Obrigado, Padre Gruner, pelo grande trabalho que está a fazer.”³³⁸

Por outro lado, talvez De Carli tivesse chegado por si próprio à conclusão de que a visão não é tudo o que há no Segredo, e que um texto que falta, contendo as palavras da Santíssima Virgem, esclarece a sua ambiguidade de forma assustadora. Durante os seus comentários introdutórios, De Carli descreveu a visão como uma cena em que um Bispo vestido de branco caminha por entre “*cadaveri carbonizzati*” — cadáveres *carbonizados*. Mas a visão só se refere a uma cidade em ruínas, cheias de corpos cuja causa da morte se desconhece. Teria ele conseguido saber alguma coisa sobre o Segredo na sua totalidade — o texto considerado “não autêntico” por Bertone e pelos seus colaboradores? Que outra coisa poderia explicar este pormenor espantoso?

De qualquer maneira, a intervenção de De Carli, e a conferência no seu todo, parecem constituir um ponto de viragem no tratamento do caso do Terceiro Segredo dentro do Vaticano. O próprio Papa tornaria isto dramaticamente visível durante a sua viagem a Fátima de 11 a 14 de Maio de 2010.

II.

O Papa Bento XVI reabre o caso

Em 11 de Maio de 2010, uma semana depois de De Carli aparecer na conferência *O Desafio de Fátima*, e apenas quatro dias depois de a conferência ter terminado, o Papa Bento XVI estava a caminho de Portugal para uma peregrinação ao Santuário de Fátima, na Cova da Iria, em 13 de Maio de 2010, aniversário da

³³⁸ Ver fotografia e legenda em *The Fatima Crusader*, Nº 96, Outono de 2010, p. 31.

primeira aparição de Nossa Senhora. A equipa técnica de The Fatima Center detectou uma monitorização do que se passou na conferência a partir de um endereço de IP (Internet Provider) de dentro do Vaticano. É possível que o Cardeal Bertone tenha seguido parte do acontecimento, ou todo ele, incluindo a intervenção de De Carli em seu lugar. E é provável que até o Papa tenha seguido os acontecimentos, ou fosse informado sobre eles — conclusão esta que se conjuga bem com o que o Papa disse no avião, a caminho de Portugal.

Falando calma e deliberadamente aos jornalistas a bordo do avião, o Papa reabriu toda a controvérsia do Terceiro Segredo, rejeitando expressamente — por fim! — a “interpretação” de Sodano/Bertone da visão, universalmente caída em descrédito, como sendo apenas um quadro dos acontecimentos do Século XX, incluindo a tentativa de assassinio de 1981, que “pertencem ao passado.” Pelo contrário, disse o Papa, o Terceiro Segredo profetiza o que está a acontecer hoje na Igreja, não está absolutamente nada limitado ao “passado,” e prediz acontecimentos *futuros* na Igreja *que ainda estão a desenvolver-se dia a dia*. Aqui está a pergunta e os trechos pertinentes da resposta do Papa, dada na altura em que o Cardeal Bertone estava literalmente a pairar sobre ele perante as câmaras:

Lombardi: Santidade, que significado têm hoje as aparições de Fátima para nós? E quando apresentou o texto do Terceiro Segredo, na Agência de Imprensa do Vaticano, em Junho de 2000, *foi-lhe perguntado se a Mensagem podia prolongar-se para além do atentado contra João Paulo II, e também para os outros sofrimentos do Papa*. Na sua opinião, é possível enquadrar também nessa visão os sofrimentos da Igreja de hoje pelos pecados do abuso sexual de menores?

Papa Bento XVI: Para além desta grande visão do sofrimento do Papa, que podemos referir, em substância, a João Paulo II, *estão indicadas realidades futuras da Igreja que estão a desenvolver-se e a revelar-se pouco a pouco*. Assim, é verdade que, para além do momento indicado na visão, fala-se, vê-se, a necessidade de *uma paixão da Igreja que se reflecte naturalmente na pessoa do Papa; mas o Papa está na Igreja, e portanto os sofrimentos da Igreja são o que é anunciado....*

Quanto à novidade que podemos hoje descobrir nesta mensagem, é que *os ataques contra o Papa e a Igreja não vêm só de fora, mas os sofrimentos da Igreja vêm*

*precisamente de dentro da Igreja, de pecados que existem na Igreja. Isto soube-se sempre, mas hoje vemo-lo de uma maneira realmente terrível: que a maior perseguição da Igreja não vem dos inimigos no exterior, mas resulta do pecado na Igreja.*³³⁹

Em primeiro lugar, é importante notar que os comentários explosivos do Papa não são umas declarações feitas à pressa. Foram feitas em resposta a uma pergunta que lhe foi lida pelo porta-voz papal, Padre Federico Lombardi, uma de três perguntas escolhidas como “síntese” das perguntas para que a imprensa procurava respostas. Como observou o *National Catholic Reporter*, o Papa “não foi apanhado desprevenido. O Vaticano pede aos jornalistas que viajam na comitiva papal que apresentem as suas perguntas com vários dias de antecedência, e portanto Bento XVI tinha muito tempo para ponderar o que havia de dizer. Se ele aceita responder a uma pergunta no avião, é porque quer falar sobre isso, e escolheu cuidadosamente as suas palavras.”³⁴⁰

O significado das palavras cuidadosamente escolhidas pelo Papa não pode ser exagerado. O Papa referiu-se propositadamente ao Terceiro Segredo de Fátima, dez anos depois de o assunto ter sido supostamente posto de lado por Sodano e Bertone; e fez isso porque *desejava falar do Segredo* e da sua relação com o estado actual e futuro da Igreja: “*realidades futuras da Igreja que estão a desenvolver-se e a revelar-se pouco a pouco.*” **Note-se bem:** *Realidades futuras, desenvolvendo-se pouco a pouco e revelando-se hoje, não apenas*

³³⁹ “Oltre questa grande visione della sofferenza del Papa, che possiamo in sostanza riferire a Giovanni Paolo II sono indicate realtà del futuro della chiesa che man mano si sviluppano e si mostrano. Cioè è vero che oltre il momento indicato nella visione, *si parla*, si vede la necessità di una passione della chiesa, che naturalmente si riflette nella persona del Papa, ma il Papa sta nella chiesa e quindi sono sofferenze della chiesa che si annunciano. Il Signore ci ha detto che la chiesa sarà per sempre sofferente, in modi diversi fino alla fine de mondo. L’importante è che il messaggio, la risposta di Fatima, sostanzialmente non va a situazioni particolari, ma la risposta fondamentale cioè conversione permanente, penitenza, preghiera, e le virtù cardenali, fede, speranza, carità. Così vediamo qui la vera e fondamentale risposta che la chiesa deve dare, che noi ogni singolo dobbiamo dare in questa situazione. Quanto alle novità che possiamo oggi scoprire in questo messaggio è anche che non solo da fuori vengono attacchi al Papa e alla chiesa, ma le sofferenze della chiesa vengono proprio dall’interno della chiesa, dal peccato che esiste nella chiesa. Anche questo lo vediamo sempre ma oggi lo vediamo in modo realmente terrificante che la più grande persecuzione alla chiesa non viene dai nemici di fuori, ma nasce dal peccato nella chiesa.” Transcrito por Paolo Rodari, http://www.corriere.it/esteri/10_maggio_11/papa-chiesa-pedofilia_6e0773a8-5ce5-11df-97c2-00144f02aabe.shtml, confirmado pelo autor presente, que viu o vídeo dos comentários do Papa.

³⁴⁰ “Sobre a crise, Bento XVI mudou de tom,” *National Catholic Reporter*, 11 de Maio de 2010.

“no passado.” E aqui o Papa falou de uma coisa *que não fazia parte da visão* do Bispo vestido de branco: “ataques contra o Papa e a Igreja... [vindos] *de dentro da Igreja*” que mostram “*de uma maneira realmente terrível*” que “a maior perseguição... resulta do pecado na Igreja.” Isto foi ainda mais além do escândalo da pedofilia para uma avaliação generalizada do estado da Igreja à luz do Segredo; foi um ataque frontal à posição “oficial” de Bertone e Sodano, que, na verdade, nunca foi mais do que a sua opinião sobre o assunto, e ainda por cima largamente rejeitada.

Ora bem, a visão não diz nada sobre uma crise que implica ataques contra a Igreja e perseguição à Igreja *vinda do seu interior*, por causa dos pecados dos seus membros. Pelo contrário, a visão parece mostrar uma perseguição externa da Igreja do meio de um cenário pós-apocalíptico em que um Papa futuro é executado, fora de uma cidade meio arruinada, por soldados que não são inimigos internos. Só há uma maneira de reconciliar os comentários do Papa com o que se descreve na visão, e é a mesma maneira que tanto os “Fatimistas” como Soggi propuseram, e este livro propõe: falta um texto relacionado com a visão, em que a Santíssima Virgem explica, pelas Suas palavras, como uma crise interna de Fé e de disciplina na Igreja é acompanhada por um castigo de todo o mundo, incluindo os Bispos, padres e leigos que são mortos, “uns atrás dos outros,” pelos mesmos soldados que já tinha executado o Papa.

O próprio Papa parece confirmar precisamente a existência de um tal texto, quando disse que “*para além do momento* indicado na visão, *fala-se*, vê-se [*si parla, si vede*] a necessidade de uma paixão da Igreja que se reflecte naturalmente na pessoa do Papa; mas o Papa está na Igreja, e portanto os sofrimentos da Igreja são o que é anunciado.”

Note bem: O Papa refere-se a uma profecia *para além do momento indicado na visão, envolvendo palavras e imagens relativas aos sofrimentos da Igreja, causados, não pelos soldados mencionados na visão, mas pela perseguição interna da Igreja, causada pelos pecados dos seus próprios membros.*

O Vaticanista Paolo Rodari não perdeu tempo a reconhecer o significado das palavras do Papa, fazendo esta pergunta: “Soggi tinha razão?” Rodari escreveu:

É verdade que o Papa não falou explicitamente de um quarto segredo. Mas quando lemos a resposta que hoje deu

aos jornalistas, não podemos deixar de pensar em Socci, que ligou sempre o conteúdo de um hipotético quarto segredo à corrupção da Igreja e ao pecado que nasceu dentro da Igreja e está actualmente em operação. Lendo o que o Papa disse hoje, parece que, para ele, Fátima *não se reduz apenas ao passado, e portanto apenas ao texto de 2000*.³⁴¹

Se restassem algumas dúvidas sobre isto, o Papa praticamente acabou com elas dois dias mais tarde, em 13 de Maio, quando, durante a sua homilia na Missa comemorativa do aniversário da primeira aparição de Fátima, declarou: “Engana-se [à letra, “ilude-se”] quem pensar que a missão profética de Fátima está concluída.” [*“Si illuderebbe chi pensasse che la missione profetica di Fatima sia conclusa.”*] Outro ataque directo à versão “oficial” e, na verdade, aos próprios Bertone e Sodano, por a terem promovido como a Linha do Partido: “Engana-se” aponta para indivíduos em particular, e era claro que ambos estes indivíduos tinham promovido assiduamente e precisamente a ficção de que a missão profética de Fátima estava cumprida ou “concluída” com a tentativa de assassínio falhada, e que a publicação do Terceiro Segredo, como Bertone afirmara de forma tão absurda, “encerra um pedaço de história, marcado por trágicas veleidades humanas de poder e de iniquidade.”

O facto de o Papa ter feito esta declaração na ocasião mais solene possível — a sua homilia durante a Missa no Santuário de Fátima — deu-lhe a força de um ensinamento do pastor universal da Igreja. *Cerca de 500.000 almas, só na Cova de Iria — sem contar os milhões que o seguiam pela transmissão directa da televisão — ouviram o Pontífice Romano dizer que quem pensar que a missão profética de Fátima está concluída, engana-se.*

É típico das manobras burocráticas do Vaticano, porém, que a tradução para inglês da homilia em italiano neutraliza as palavras do Papa, que ficaram assim: “Nós enganar-nos-íamos se pensássemos que a missão profética de Fátima estava concluída” (*‘We would be mistaken to think that the prophetic mission of Fatima is concluded’*). Não! Não seríamos “nós” que estaríamos

³⁴¹ Paolo Rodari, “Fatima. Aveva Ragione Socci?” [*“Fátima. Socci tinha razão?”*], <http://www.ilfoglio.it/palazzoapostolico/2675>. O texto original de Rodari em italiano é: “E’ vero il Papa non ha parlato del quarto segreto esplicitamente. Ma a leggere la risposta che ha dato oggi ai giornalisti non si può non pensare ad Antonio Socci il quale ha sempre legato il contenuto di un ipotetico quarto segreto alla corruzione della chiesa e al peccato che nasce all’interno della chiesa ed agisce nel presente. Leggendo oggi il Papa sembra che anche per lui Fátima non sia riconducibile al solo passato e dunque soltanto al testo del 2000.”

“enganados.” O Papa disse *quem* pensar que Fátima está acabada *iludia-se a si próprio*, o que é mais do que estar simplesmente “enganado.” Não restam dúvidas sobre o que o Papa queria dizer com o “quem,” como não há dúvidas sobre quem ficaria iludido – e conduziria outros para este estado de ilusão.

Em resumo, com poucas mas bem escolhidas palavras, o Papa destruiu por completo a “interpretação” de Sodano-Bertone, segundo a qual a visão pertenceria “ao passado.” E esta “interpretação” junta-se agora a outros pronunciamentos pseudo-oficiais no cesto dos papéis da era pós-Vaticano II na Igreja. O que é ainda mais dramático, o Papa não só repudiou a sugestão de Bertone e De Carli de que a *Última Vidente*, e agora *Último Segredo*, era a “posição oficial” da Igreja, mas até a sua *própria adesão à “linha do partido” ditada pelo Secretário de Estado*, que ele seguiu, quando era o antigo Cardeal Ratzinger, cujo comentário teológico da visão declarava que « devemos supor, como afirma o Cardeal Sodano, que “os acontecimentos a que faz referência a terceira parte do ‘segredo’ de Fátima parecem pertencer já ao passado.” »³⁴²

Socci sobre a “Operação Verdade” do Papa Bento XVI

As importantes declarações do Papa, durante a sua peregrinação a Fátima, levaram a uma série de artigos vigorosos de Antonio Socci sobre o tema da justificação patente da causa “fatimista”, que tinha ficado a ser a sua causa, depois de considerar a evidência.

Escrevendo em *Il Libero* de 12 de Maio de 2010, num artigo intitulado “Finalmente sempre havia um Quarto Segredo...”, Socci exclamou que as declarações do Papa “fazem voltar de novo às notícias o dossier completo do Terceiro Segredo. As suas palavras contrariaram a ‘versão oficial’ dada em 2000, *que nunca foi considerada oficial* – nem por Ratzinger, nem pelo Papa João Paulo II.” Referindo-se ao *Quarto Segredo* e às “tiradas” que teve que suportar por o ter escrito, Socci notou que o Papa Bento XVI “reabre a discussão na direcção que eu tentei investigar e que os próprios documentos sugerem.” Ao declarar que o Terceiro Segredo se refere a “realidades *futuras* da Igreja, que estão a desenvolver-se e a revelar-se pouco a pouco” e que nós “agora vemos de uma maneira realmente terrível,” o Papa, continuou Socci, “reforça a crença” de que aquilo que dissera sobre a sujidade e a corrupção na Igreja, durante as meditações da Via Sacra quando era o

³⁴² *A Mensagem de Fátima*, p. 42.

Cardeal Ratzinger, em 25 de Março de 2005, era “talvez, de facto, a revelação (embora não declarada como tal) da *parte do Terceiro Segredo que não foi revelada em 2000*. A parte que contém as *palavras de Nossa Senhora*, como comentário da visão.”

Em 13 de Maio, também em *Il Libero*, Socci publicou um comentário acutilante sobre a demolição total e evidente que o Papa fez da posição de Bertone/Sodano. Isto é agora um assunto de preto e branco, escreveu Socci, que “O ‘*Quarto Segredo*’ (isto é, uma *parte do Terceiro Segredo que ainda não foi publicada*) existe, e as palavras do Papa sobre o escândalo da pedofilia são a prova.” O Papa, continuou, está “a fazer uma grande obra de revelação da verdade, embora signifique *contradizer a interpretação dada pelos Secretários de Estado do Vaticano*.” A afirmação de Sodano em como os acontecimentos descritos na visão “parecem” pertencer ao passado – da qual Bertone substraiu a palavra “parecem,” convertendo a opinião de Sodano num pseudo-dogma – foi rejeitada pelo Papa Bento XVI, “que nos explica *exactamente o contrário*, a saber, que o Terceiro Segredo se refere a acontecimentos *posteriores* à tentativa de assassínio de 1981... e até a acontecimentos que ainda estão no nosso futuro.” De facto, acrescentou, “a tentativa de assassínio de 1981 *não se encontra em parte alguma nas palavras de Bento XVI*, e portanto não é indicada como sendo ‘o’ cumprimento do Terceiro Segredo.”

Socci continuou, mencionando aquela carta reveladora que Lúcia escreveu em 1982, alegadamente dirigida ao Papa, em que (sem se referir ao atentado) declarou que “não vemos ainda, como facto consumado, o final desta profecia [isto é, o Terceiro Segredo].” Bertone, como Socci recordou, tinha “encontrado uma frase explosiva, que contradizia a sua versão” naquela carta, o que levou a uma manipulação fraudulenta da prova documental, como vimos, destinada a esconder o facto de que esta carta, da qual só se publicou um fragmento, não podia ter sido destinada ao Papa. (Cf. Capítulo 4 e [Apêndice IV](#).) Socci chamou a isto “apenas uma de tantas anomalias nesta história de cinquenta anos que, infelizmente, está cheia de *mentiras* e silêncios, interpretações torcidas e omissões.”

Mas agora, escreveu Socci, o Papa “reabriu o dossier de Fátima de uma maneira tão precisa e óbvia que todos aqueles que, nos últimos anos, se apressaram a louvar a versão da Cúria ficaram em pânico ao serem confrontados com as palavras do Papa...” Até Vittorio Messori mostrou o seu embaraço ao admitir que

“Agora, no vasto partido dos ‘Fatimitas’ [vasto!], haverá uma excitação, para demonstrar que o Papa Bento XVI se tinha traído a si próprio...” Mas, escreveu Socci numa conclusão dirigida directamente a Bertone e aos seus colaboradores, o Papa:

quer que compreendamos... que nunca devemos ter medo da verdade, mesmo quando é embaraçosa ou dolorosa. *Porque não se serve a Deus com mentiras.* Quando mentimos com a desculpa de que o estamos a fazer por Deus, estamos na realidade a fazê-lo para nós próprios. Deus *não precisa das nossas mentiras para defender e construir a Sua Igreja.* É melhor fazermos uma *mea culpa*, porque Deus é mais forte e maior do que qualquer dos nossos pecados. Como é óbvio, *esta atitude não é compreendida na Cúria, nem sequer pelos ‘fans de Ratzinger.’*

Num pós-escrito ao artigo, Socci notou uma reviravolta notável de Vittorio Messori, “que, há três anos, se tinha apressado a louvar a versão de Bertone,” mas que, num episódio da transmissão do *Porta a Porta* em 12 de Maio de 2010, “sem sequer pestanejar... disse exactamente o contrário do que tinha dito até agora.” Como foi resumido por Socci, Messori admitiu livremente que, ao contrário de Bertone, o Papa Bento XVI “não via na tentativa de assassinio de 1981 o cumprimento do Terceiro Segredo” e “não o considera como coisa do passado, mas, pelo contrário, vê-o a projectar-se no futuro, porque está agora a considerar um facto novo – o escândalo da pedofilia – como parte do Segredo (e é óbvio que o Papa não pode inventar tudo isto: *deve ter inferido isto a partir do texto completo do Segredo...*).” Mas Messori “não mostrou o mínimo vestígio de reconhecer que tinha andado enganado estes anos todos, nem encarou as consequências do que ele próprio tinha dito. E o mesmo aplica-se ao confiante Bertone.”

Como Socci escreveu: “Ou Bertone tem razão (e a profecia cumpriu-se em 1981 e concluiu-se no passado), ou Bento XVI tem razão (e, portanto, o texto do Segredo é mais abrangente, a profecia ainda está aberta, e o martírio de um Papa e da Igreja ainda estão no nosso futuro). Não se pode fingir que ambas as versões podem coexistir; não seria lógico. Seria desejável que o amor da verdade prevalecesse, assim como um reconhecimento leal dos nossos próprios erros ... O apelo do Papa ao arrependimento, a um auto-exame crítico, e à penitência devia ser levado muito mais a sério.” Quase de um dia para o outro, Bertone viu-se transformado em *opositor* da visão papal do que ele tinha tentado apresentar como

um malandro, por ousar disputar a sua versão, evidentemente incrível, dos factos! Assim ficou a “versão oficial” que Bertone se tinha esforçado durante tanto tempo para impor à Igreja.

Num terceiro artigo sobre estes desenvolvimentos, publicado no seu blogue em 15 de Maio, Socci concentrou-se precisamente no *mea culpa* que Bertone deve à Igreja. O artigo, intitulado “Um conselho a Bertone: *mea culpa* e penitência,” concentra-se na homília do Papa perante a Igreja universal em Fátima, e a declaração sonante do Pontífice a toda a Igreja que “Engana-se quem pensar que a missão profética de Fátima está concluída.” À luz da homília papal, até *Il Corriere della Sera* anunciou em caixa alta: “A profecia de Fátima não está cumprida; haverá guerras e terrores.”

As palavras do Papa em Fátima, disse Socci,

contêm um aviso para os que não querem ouvir e não querem compreender. As palavras de Bento XVI que... são *a antítese exacta das mentiras que, é triste dizê-lo, o Cardeal Bertone tem divulgado desde há anos* (e denunciado sobretudo por mim). Eis o que ele [Bertone] realmente disse: “A profecia não está aberta ao futuro; realizou-se no passado.” Assim escreveu na página 79 do seu livro [*Última Vidente*], e repetiu milhares de vezes nestas páginas e também em entrevistas a jornalistas e à TV, onde não hesitou em insultar quem simplesmente dizia a verdade e apelava ao amor da verdade e da Santíssima Virgem, Mãe de Deus.

“Agora,” acrescentou Socci, “o Papa falou, finalmente, e toda a gente pode compreender. O facto de Bertone, perante a evidência (e a má impressão que dá de si próprio), voltou-se precipitadamente para os Vaticanistas para tentar fazer uma marcha-atrás tragicómica (sem um *mea culpa*), só agrava esta tristeza. Escreveu Tornielli no *Il Giornale*: ‘agora Bertone *adaptou as suas palavras*, dizendo que a profecia, afinal, pode estender-se pelo Século XXI.’ Não faltará muito tempo que afirme que sempre disse isso... Qualquer comentário seria inútil.”

E depois, esta avaliação crítica da actuação de Bertone: “Excepto para notar os muitos problemas que o actual Secretário de Estado causou ao Papa, que merece ter junto dele colaboradores dignos da acção neste momento histórico. Colaboradores (falo também dos Bispos) que o ajudem na sua missão. Colaboradores humildes e competentes como ele, e não arrogantes e incapazes. Colaboradores que ele, pelos vistos, não encontrou. Isto diz muito

sobre o drama da situação da Igreja e da solidão do Papa.”

Bertone, concluiu ele, teria proveito, chegando à altura da aposentação, em “dedicar-se à oração e à meditação sobre os avisos e solicitudes maternais da Rainha do Céu. De facto, as coisas deste mundo passam depressa e para sempre (incluindo o poder, e sobretudo as mentiras). Só a Verdade fica, a Verdade que é Jesus Cristo. Ele é a Verdade incarnada. E foi Ele quem disse: ‘Não há nada oculto que não seja revelado, nenhum segredo que não seja trazido à luz.’”

Da parte do Vaticano, só houve silêncio da parte do Cardeal Tarcisio Bertone. Não havia nada que ele pudesse dizer contra as repreensões bem merecidas de Socci. Porque Socci tinha razão em declarar que o Papa tinha “reaberto o dossier” do Terceiro Segredo e que Sua Santidade está a “tentar preparar a Igreja para esta imensa tribulação... confiando toda a gente às mãos da Madonna de Fátima. Isto são tempos extraordinários.” Lá isso são.

Os meios de comunicação acordam

Se é razoável pensar que a conferência *O Desafio de Fátima* e a intervenção de De Carli contribuíram para o início pelo Papa do que Socci chama a “Operação Verdade” sobre o Terceiro Segredo, não restam dúvidas de que o que aconteceu na conferência levou os meios de comunicação italianos a começar a sua própria Operação Verdade. Em 23 de Junho de 2010, várias personalidades de destaque da imprensa italiana, em que se contava nada menos que Andrea Tornielli, apareceram no programa de televisão “Top Secret” da Rete 4, um canal de TV da Mediaset, a maior empresa de teledifusão comercial da Itália. O programa discutiu os desenvolvimentos recentes da controvérsia do Terceiro Segredo, com o título: “Fátima: Um assunto por acabar” — *exactamente o título de uma das palestras da conferência O Desafio de Fátima.*

No início do programa, o narrador declarou que “o mistério relativo ao Terceiro Segredo não acabou com a publicação do Segredo. Quarenta anos de silêncio e de reticências levaram muita gente a acreditar que a Mensagem contém algo de chocante. Há muitas perguntas que ainda estão em aberto. Se a profecia se refere ao atentado falhado de 1981, para quê mantê-lo oculto durante 20 anos? Os que duvidam da interpretação dada... pensam que a Mensagem de Nossa Senhora aponta, na verdade, para o futuro, e descreverá cenários apocalípticos relacionados com a crise da Fé e o fim da Igreja.”

O narrador continuou, relatando (como aqui se nota) que “o Padre Fuentes, um sacerdote mexicano e postulador da beatificação de Jacinta e Francisco, publicou um sumário de uma entrevista que teve com a religiosa, cujo conteúdo era perturbador. A Irmã Lúcia disse que a Santíssima Virgem estava desapontada com as almas dos padres e pastores, e que o castigo do Céu estaria iminente.” E o narrador continuou:

Temos ainda o testemunho do Padre Alonso, arquivista oficial de Fátima, que se encontrou várias vezes com a Irmã Lúcia. No seu trabalho de mais de 5000 páginas, o religioso diz que o Terceiro Segredo provavelmente faz referências concretas à crise da Fé dentro da Igreja... Mas há mais: ... [a] versão do Terceiro Segredo de Fátima, publicada pela *Neues Europa* [a chamada versão diplomática], que descrevia um cenário apocalíptico de morte e destruição. *Este texto nunca foi desmentido oficialmente pelo Vaticano.* Mas porque é que não há vestígios destas palavras na mensagem publicada? Será de crer que este texto faça parte de um segredo, que foi ocultado por ser demasiado assustador?

Pouco tempo depois do início da transmissão, deu-se esta troca de palavras extraordinária entre Tornielli e Claudio Brachino, um jornalista da Mediaset:

Brachino: Há elementos interessantes no que João Paulo II disse em várias entrevistas e declarações. Em Fátima falou da apostasia — devemos dizer ao público o que é a apostasia.

Tornielli: Sim, é a “expulsão da Fé,” a perda da Fé, a coisa mais terrível e final de todas, porque significa que deixámos de crer. Deve notar-se que, no seu documento *Ecclesia in Europa*, João Paulo II falou da apostasia na Europa, um termo que indica *a secularização precisa e forte da Igreja, e a queda de qualquer relacionamento com o absoluto.*

Brachino: Vamos discutir isto e a visão apocalíptica, mas devo insistir neste importante elemento: *Mesmo entre os Católicos, em todo o mundo, há suspeitas sobre a revelação oficial; não estamos a falar do mundo secular ou de manifestantes que querem contestar ou disputar a orientação da Igreja. Estamos a falar dos chamados Fatimitas e de outras partes do clero mundial, que não acreditam na versão oficial.*

E foi assim dada a tónica: Descrença na “versão oficial” e a convicção de que o Terceiro Segredo, na sua totalidade, se refere à apostasia na Igreja, o que já não pode considerar-se inaceitável

para os Católicos. Seguiu-se a isto nada menos que três segmentos de filme do Padre Gruner, que deram fundamentos para se duvidar da “versão oficial,” com o narrador a fazer uma referência obrigatória aos “Fatimitas,” mas em seguida observando: “Contudo, não podemos deixar de notar algumas inconsistências no texto, sobre o atentado de 1981 na Praça de S. Pedro. Na visão do Terceiro Segredo, o ‘Bispo vestido de Branco’ cai, assassinado por um grupo de soldados, e atrás dele morrem outras pessoas. Mas o Papa Wojtyla foi atingido a tiro por um só assassino, e sobreviveu. Será possível, então, que a interpretação oficial do texto de Fátima esteja errada?”

Depois de alguns comentários tipicamente cépticos da parte do Vaticanista Giovanni Ercole sobre “extremistas,” o narrador voltou ao tema principal da dúvida razoável em relação à versão “oficial”: “Mas há outro testemunho que faz de Fátima um assunto por acabar: o Padre [Don] Luigi Bianchi, pároco de Gera Lario, na província de Como, que era amigo da Irmã Lúcia e se encontrou muitas vezes com ela, quando ainda era viva.”

Num segmento de vídeo, Bianchi revelou que “A coisa mais importante que perguntei à Irmã Lúcia foi o que ela pensava que tínhamos de esperar deste novo mundo, considerando que a humanidade parece hoje ser tão hostil. Disse ela: ‘O mundo está em grande perigo.’” Quando o narrador lhe perguntou o que Lúcia lhe tinha dito, precisamente, sobre o Segredo, o Padre Bianchi respondeu: “A Irmã Lúcia disse-me que o Segredo de Fátima é uma coisa *que ainda está nos planos de Deus.*” E isto, como acabámos de ver, é precisamente o que o Papa disse no avião e durante a sua homília na Cova da Iria.

O narrador recolocou de novo o tema de uma dúvida razoável novamente passível de aceitação: “Não será ainda possível escrever a última palavra sobre os Segredos de Fátima? O debate sobre o Terceiro Segredo de Fátima, que afectou quase todo o Século XX, *não parece estar encerrado*, nem mesmo com a morte de dois dos seus maiores protagonistas, João Paulo II e a Irmã Lúcia.”

E com esta introdução, Brachino e Tornielli fizeram um debate que *partia do princípio da existência de dois textos diferentes mas relacionados* do Terceiro Segredo, um dos quais, guardado nos aposentos papais, nunca foi revelado (precisamente o que Socci e os “Fatimistas” propõem), e foi considerado “não autêntico” por Bertone e companhia:

Brachino: [H]á dois textos do Terceiro Segredo de Fátima?

Ou há interpretações múltiplas do texto revelado? Portanto, há dois — o que implica que a Igreja só revelou um texto ou parte dele?

Tornielli: *Bem, há certamente inconsistências, há provas que demonstram a existência de dois manuscritos. Um estava nos aposentos do Papa e outro no arquivo da Santa Sé. Não acho que se deva chamar-lhes dois textos diferentes do Segredo, porque o Segredo é o que foi revelado, isto é, a visão; mas é possível, dado o que a Irmã Lúcia mandou ao Vaticano ao longo dos anos, que possa haver um apêndice, ou uma explicação dele... [É] claro que João XXIII e os seus sucessores não o consideraram como parte integrante do Terceiro Segredo, mas apenas como uma interpretação dada pela Irmã Lúcia e não parte da aparição de Nossa Senhora. Neste sentido, foi despromovido a uma mera interpretação pessoal.*

Brachino, dizendo que “tenho que insistir neste ponto,” fez notar que o famoso “etc” indicava que faltava qualquer coisa, ao que Tornielli respondeu francamente: “*Bem, realmente dá a ideia de que falta alguma coisa que continua. De facto, no próprio folheto publicado oficialmente pelo Vaticano não há uma explicação para essa frase, ficou suspensa, e parece que se refere a qualquer coisa que a versão publicada do Terceiro Segredo não contém.*” Nesta altura da conversa, Brachino introduziu a “história contada no livro de Socci sobre Fátima: o Arcebispo Capovilla admitiu a Solideo Paolini em 2006 a existência de dois textos diferentes mas complementares do Terceiro Segredo. Um estava guardado no arquivo do Santo Ofício, outro nos aposentos do Papa ...”

Depois de passar a mesma entrevista em vídeo de Capovilla por De Carli de que já tratámos aqui em pormenor, Tornielli simplesmente desvalorizou-a como não sendo persuasiva e, num enorme desaire para Bertone e a sua versão “oficial”, declarou que a existência de um segundo texto qualquer, relativo ao Terceiro Segredo, está agora *bem estabelecida*:

Tornielli: *Sim, acabámos de ver a entrevista de Capovilla, em que ele disse que não há nenhum quarto segredo. Mas devemos recordar um facto: Capovilla disse repetidas vezes que um texto do Segredo, um “acrescento,” esteve sempre na escrivãzinha do Papa, e disse que foi ele quem revelou ao Papa Paulo VI, poucos dias depois da sua eleição, o lugar onde se encontrava o Segredo: disse-lhe que o texto estava guardado na secretária de João XXIII chamada “Barbarigo”. Quando João XXIII leu o Segredo em 1959, decidiu não o publicar, e Capovilla escreveu uma*

nota no envelope (isto é confirmado não só por Capovilla, mas também por Paulo VI, que encontrou essa anotação no envelope de Capovilla). *Ora bem, quando foi mostrado na televisão em 2007 [no Porta a Porta], [o Cardeal Bertone] mostrou os envelopes perante as câmaras, e não tinham as anotações de Capovilla... Quando há uma prova, nem sempre tem que confirmar uma certa teoria... Mas a existência de dois textos em dois lugares diferentes parece-me agora ser um facto bem estabelecido.*

Nesta altura, juntou-se à discussão Alessandro Banfi, um Vaticanista preeminente, que louvou “o raciocínio que inspirou Soggi, com coragem e grande habilidade,” a questionar a versão oficial, e depois fez uma pergunta a que logo respondeu, com um impacto devastador na credibilidade da posição de Bertone: “Isto é um assunto sobre o qual acho que deveríamos falar: O sucessor de Pedro estará na posse de uma versão mais completa da visão, com informações mais profundas e confidenciais? *Na minha opinião, é muito credível.* Mas também era mais que possível, há umas semanas, que esta controvérsia nunca poderia ter sido resolvida. E agora o Papa, como sempre, *reabriu a discussão sobre isso!*” Ao que Brachino respondeu: “E reabriu mesmo, como eu disse no princípio da transmissão, de uma maneira muito sensacional. É provável que tenha sido uma decisão que se integra no projecto global de Ratzinger, a sua nova ‘Operação Verdade’ para uma atitude diferente dentro da Igreja, mesmo em relação a ela própria.”

Estas marretadas, dadas publicamente, à posição do Secretário de Estado do Vaticano foram seguidas por uma discussão do “problema dramático da apostasia” (Banfi), “o abandono da Fé, mas pelos próprios membros da Igreja” (Brachino), “o abandono da Fé dentro da Igreja. Exactamente.” (Banfi). Então, a seguir a um extracto de um vídeo sobre Ali Agça e a tentativa de assassinio de 1981, Brachino, Tornielli e Banfi apontaram à “interpretação” de Sodano/Bertone em como os acontecimentos contidos no Terceiro Segredo “devem ser interpretados como se se referissem ao passado, e precisamente à tentativa de assassinio de João Paulo II em 13 de Maio 1981, na Praça de S. Pedro.” Aquilo a que Soggi chama “interpretação preventiva” considerou-se essencialmente que já não se aplicava, especialmente em vista das declarações do Papa a bordo do avião pontifício:

Brachino: Quero fazer a seguinte pergunta a Andrea Tornielli: Entre o que nos é mostrado na visão e o que

aconteceu na Praça de S. Pedro, não creio que os dois acontecimentos coincidam: na visão o Papa morre, mas em 1981 sobreviveu!

Tornielli: A grande diferença é que o Papa João Paulo II não morreu, caiu “como morto”, para usar a mesma expressão que usou o Cardeal Sodano em 2000. Mas devemos também dizer, como o próprio Ratzinger disse na apresentação oficial do Segredo, que estas profecias não são um “filme sobre o futuro” ... *mas essa inconsistência está lá.*

Brachino: Sobre esta interpretação, Sr. Banfi, há muitas coisas *que estão de facto a afastar-nos da verdadeira interpretação do Terceiro Segredo que está agora a ser dada* [pelo Papa Bento XVI]. Se nem tudo tem de acontecer no futuro, *é certo que nem tudo aconteceu já!*

Banfi: É verdade, o argumento que leva ao atentado contra João Paulo II ainda não foi esclarecido: Bem, Ali Agça foi apanhado e preso, mas é difícil compreender que haja uma relação, uma ligação entre o acontecimento e a Providência, os seus desígnios ocultos, como Sodano tentou implicar na sua interpretação do Segredo. *Portanto, há mais do que uma contradição que nos deixa perplexos.* Além disso, a visão fala de setas e tiros, e não apenas de um tiro, mas de um ataque colectivo. *A visão sugere um Vaticano que parece ter sido bombardeado e agora é um monte de entulho; os Fiéis que restam subiram ao monte em direcção à cruz, e os tais soldados atacaram-nos, assim como ao Papa, com setas e balas, matando-os a todos.*

Em suma, Brachino concluiu, repetindo o que Socci dissera: “O Papa reabre o caso, embora não diga que a interpretação anterior está totalmente errada; diz que ainda se refere ao sofrimento de João Paulo II e provavelmente dos Papas e *do mundo católico.*” Tornielli acrescentou a isto uma observação sobre a famosa visão de Jacinta de um Papa futuro a ser atacado: “Recordo que um dos videntes, Jacinta, falando uma vez com a Irmã Lúcia, contou-me uma visão em que viu o Papa, como que ajoelhado perante um altar, e a gente no exterior estava a atirar-lhe pedras... é um apedrejamento ou um ataque moral, como o que estamos agora a assistir.” Continuando no mesmo tema, Brachino aludiu às “palavras que João Paulo II disse em Fátima em 13 de Maio de 1982 sobre o perigo da apostasia e afastamento de Deus, a luta contra

Deus e tudo o que é sagrado e divino. Estaremos a aproximarmos do tempo predito por S. Paulo, o tempo do Anticristo, que se ergue contra Deus e contra qualquer tipo de religião? É um tempo, porém, em que o Espírito Santo mobiliza toda a Igreja, através da Santíssima Virgem.” Aqui Brachino, pouco antes de apresentar um vídeo dos comentários atordoantes do Papa Bento XVI, no avião que o levava a Portugal, atrás citados, voltou ao tema apontado por Soggi, declarando: “Em 13 de Maio de 2010, outro Papa, Bento XVI, fez umas declarações notáveis *que reabriram o caso*. Em 13 de Maio, *uma data que ficará para sempre na história do Catolicismo*.”

Brachino pontuou o vídeo com um comentário que indicava que os meios de comunicação italianos, juntando-se a Católicos de todo o mundo, reconheciam agora que se tinha aberto um novo capítulo da controvérsia do Terceiro Segredo, num livro que não se fecharia até se conhecer toda a história, um capítulo em que se apresenta o Segredo como profecia da apostasia na Igreja: “Aqui, Bento XVI faz recordar as declarações de Paulo VI sobre o ‘*fumo de Satanás na Igreja*,’ e parece também ecoar os grandes escritos de Charles Hodge, que falou do Cristianismo depois de Cristo e sem Cristo. O que vem à nossa mente é a pergunta dramática, feita em forma de poesia por T. S. Eliot: ‘Foi a Igreja que abandonou a humanidade, ou foi a humanidade que abandonou a Igreja?’”

Dez anos depois de o Secretário de Estado do Vaticano ter tentado pôr um fim ao Terceiro Segredo de Fátima e à Mensagem de Fátima em geral, a transmissão da Mediaset demonstrou uma consciência cada vez maior, entre os Fiéis, de que as profecias e avisos da Virgem Mãe de Deus a Lúcia, Jacinta e Francisco estão mais vivas, e mais urgentes, do que nunca.

Um falecimento inesperado

Menos de três semanas depois da dissecação crítica da “versão oficial” na Mediaset, Giuseppe De Carli faleceu inesperadamente, com 58 anos, na Policlínica Gemelli, em Roma, onde, ao que sabemos, recebia radioterapia para um cancro inoperável na garganta, descoberto havia pouco tempo. Gemelli é a mesma clínica onde João Paulo II tinha pedido o texto da visão em 1981, enquanto se restabelecia dos ferimentos quase fatais que Ali Agça lhe fizera.

Saberia De Carli que tinha uma doença terminal quando apareceu na conferência *O Desafio de Fátima*, saindo por detrás do muro de silêncio e evasivas do Vaticano para se encontrar com

outros Católicos num campo revelador de discussão livre e aberta, em busca da verdade? Ou só lhe descobriram a doença depois de ter comparecido no Ergife Hotel? Não sabemos. O que sabemos é que, além da conferência no seu todo, a decisão de De Carli de aparecer e tentar uma defesa da posição insustentável de Bertone deve ter contribuído para o ímpeto da “Operação Verdade” do Papa Bento XVI, operação essa que, como esperamos e rezamos, levará finalmente a uma revelação total da Mensagem-aviso da Virgem de Fátima à Igreja e a toda a humanidade, enquanto ainda há tempo de evitar o pior que ela prediz.

Giuseppe De Carli morreu em 13 de Julho de 2010, exactamente no aniversário do dia em que a Mãe de Deus revelou o Terceiro Segredo na sua totalidade aos videntes de Fátima. Que a luz perpétua brilhe sobre ele.



O Papa Bento XVI, falando sobre o Terceiro Segredo de Fátima, disse: “hoje vemo-lo de uma maneira realmente terrível que a maior perseguição da Igreja não vem dos inimigos no exterior, mas resulta do pecado na Igreja.” – 11 de Maio de 2010